



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM RÁDIO E TV

CAMILLA RABELO DE MOURA

A FACE FEMININA DO MAL

A relação entre vilania e beleza nos contos de fadas, um estudo do filme “Enrolados”

SÃO LUÍS – MA

2026

CAMILLA RABELO DE MOURA

A FACE FEMININA DO MAL
A relação entre vilania e beleza nos contos de fadas, um estudo do filme
“Enrolados”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão Campus Bacanga, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Rádio e TV.

Orientador: Prof. Dr. Larissa Leda

SÃO LUÍS – MA
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rabelo, Camilla.

A Face Feminina do Mal : a relação entre vilania e
beleza nos contos de fadas, um estudo do filme Enrolados /
Camilla Rabelo. - 2026.

65 f.

Orientador(a): Larissa Rocha.

Curso de Comunicação Social - Rádio e Tv, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís, 2026.

1. Vilania. 2. Feminino. 3. Contos. 4. Beleza. 5.
Enrolados. I. Rocha, Larissa. II. Título.

CAMILLA RABELO DE MOURA

A FACE FEMININA DO MAL
A relação entre vilania e beleza nos contos de fadas, um estudo do filme
“Enrolados”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão Campus Bacanga, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Rádio e TV.

Orientador: Prof. Dr. Larissa Leda

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Larissa Leda F Rocha – Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Profa. Dra. Carol Guerra Libério – Universidade Federal do Maranhão
(UFMA).

Profa. Dra. Flávia de Almeida Moura – Universidade Federal do Maranhão (UFMA)..

AGRADECIMENTOS

Posso afirmar que este trabalho é resultado do esforço e do apoio de muitas pessoas e marca o encerramento de um ciclo de escolhas, mudanças e aprendizados. A todas que estiveram ao meu lado desde o início, nas dúvidas sobre qual caminho seguir e no acolhimento quando decidi abandonar o curso que um dia foi meu sonho para seguir aquilo que realmente amava, deixo meu sincero agradecimento.

Gabriel, meu parceiro de vida, que me conhece melhor do que eu mesma e esteve presente em todos os processos da minha graduação, oferecendo apoio constante. Lembro até hoje do dia da prova do ENEM, quando me buscou mesmo sob a chuva. Foi também a primeira pessoa a saber da minha aprovação no curso e, mais tarde, do tema deste trabalho. É um privilégio compartilhar a vida com você, hoje e por muitos anos ainda.

Às minhas amigas de graduação, Ana Rafa e Nanda, que dividiram o fardo da universidade e tornaram essa trajetória mais leve. Obrigada pelas risadas, pelos incontáveis trabalhos, pelos filmes e pelos slides feitos à meia-noite.

A Cauê, que me apresentou o verdadeiro significado de família, acolhendo-me no momento mais difícil da minha vida e oferecendo apoio desde então. E, por fim, à Larissa Leda, que me inspirou desde o primeiro dia da graduação e segue sendo inspiração na vida. Sua presença foi luz nos meus caminhos.

RESUMO

Este trabalho analisa a construção da vilania feminina nas narrativas dos contos de fadas, com foco na personagem Mãe Gothel, do filme *Enrolados* (2010), buscando compreender como atributos tradicionalmente associados ao ideal feminino, como beleza, juventude, cuidado e sedução, são ressignificados como elementos de ameaça e poder. Parte-se do entendimento de que as representações femininas nos contos de fadas não são neutras, mas dialogam com contextos históricos, sociais e culturais específicos, refletindo transformações nas relações de gênero ao longo do tempo. O estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise formal da narrativa audiovisual, considerando aspectos como caracterização visual, conduta moral, trajetória simbólica e arco narrativo da personagem. Para sustentar a análise, mobilizam-se contribuições teóricas dos estudos sobre contos de fadas, narrativa e representação, compreendidas como perspectivas complementares. Nas considerações finais, evidencia-se que, apesar das atualizações estéticas e narrativas das produções contemporâneas, persistem estruturas simbólicas tradicionais que associam a feminilidade à vilania, revelando permanências e tensões nos modos de representação do feminino no audiovisual.

Palavras-chave: Vilania. Feminino. Contos. Beleza. Enrolados.

ABSTRACT

This study analyzes the construction of female villainy in fairy tale narratives, focusing on the character Mother Gothel from the film *Tangled* (2010), seeking to understand how attributes traditionally associated with the feminine ideal, such as beauty, youth, care, and seduction, are re-signified as elements of threat and power. It is based on the understanding that female representations in fairy tales are not neutral, but rather engage with specific historical, social, and cultural contexts, reflecting transformations in gender relations over time. The study adopts a qualitative approach grounded in formal audiovisual narrative analysis, considering aspects such as visual characterization, moral conduct, symbolic trajectory, and the character's narrative arc. To support the analysis, theoretical contributions from fairy tale studies, narrative theory, and representation studies are mobilized, without treating them as a linear or hierarchical framework, but rather as complementary perspectives.

Keywords: Villainy. Feminine. Tales. Beauty. *Tangled*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Rapunzel e Mãe Gothel em frente ao espelho, minutagem 10:46.....	46
FIGURA 2 — Mãe Gothel escovando os cabelos de Rapunzel.....	46
FIGURA 3 — Gothel idosa, minutagem 2:28.....	46
FIGURA 4 — Gothel rejuvenescida, minutagem 2:37.....	47
FIGURA 5 — Gothel escondida, minutagem 2:54.....	47

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2. OS CONTOS DE FADAS COMO DISPOSITIVOS SIMBÓLICOS DE CONSTRUÇÃO DO FEMININO: ELEMENTOS, ARQUÉTIPOS E A ESTÉTICA DA BELEZA.....	15
2.1 Contos de fadas: gênese, desenvolvimento e organização narrativa.....	15
2.2 A Vilania Feminina e Permanência Social nos Contos de Fadas.....	29
3. A ARQUITETURA SIMBÓLICA DO FEMININO NOS CONTOS DE FADAS.....	34
3.1 A construção histórica do ideal de beleza.....	34
4. A CONSTRUÇÃO DA FACE FEMININA DO MAL NO FILME ENROLADOS.....	43
4.1 Contextualização do filme Enrolados.....	43
4.2 Juventude, beleza e vilania feminina: relações de poder entre Rapunzel e Mãe Gothel.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo analisar como a vilania feminina é construída nas narrativas dos contos de fadas, explorando a relação entre características historicamente associadas à feminilidade, como beleza, vaidade, sedução e a representação do mal. O objeto de análise é o filme *Enrolados* (2010), produção do cinema de animação contemporâneo que reinterpreta elementos tradicionais dos contos de fadas à luz da cultura de massa.

Parte-se da compreensão de que a representação feminina no audiovisual exerce influência significativa na construção de imaginários sociais e discursos sobre gênero. As formas pelas quais personagens femininas, especialmente vilãs, são retratadas refletem valores culturais e contribuem para a consolidação de percepções normativas acerca do comportamento feminino. Nesse sentido, a vilania feminina não se configura apenas como um recurso narrativo, mas como um espaço simbólico no qual são projetadas tensões sociais relacionadas a poder, desejo, juventude e aparência.

No cinema narrativo, é recorrente a associação entre a busca pela beleza e a motivação para ações vilanescas atribuídas a personagens femininas. Conforme aponta Rodrigues (2015), a narrativa audiovisual norte-americana frequentemente opera por meio de estereótipos relativamente fixos, que se repetem ao longo de décadas, ainda que assumam variações superficiais. Em *Enrolados*, essa lógica se manifesta na construção da personagem Mãe Gothel, cuja vilania é estruturada a partir do desejo de preservar sua juventude e beleza. Ao sequestrar e explorar Rapunzel como fonte de rejuvenescimento, a personagem transforma o embelezamento em motor narrativo central, orientando suas ações e justificando sua posição como antagonista.

A escolha de *Enrolados* como objeto de estudo justifica-se pelo modo como o filme articula elementos clássicos dos contos de fadas com estratégias narrativas e estéticas próprias do audiovisual contemporâneo. A personagem Mãe Gothel encarna estereótipos femininos tradicionais, como a figura da mulher vaidosa, manipuladora e sedutora, ao mesmo tempo em que evidencia discursos socioculturais que associam a feminilidade à maldade e ao desvio moral.

Diante da recorrente associação entre beleza, vaidade e sedução na construção de vilãs dos contos de fadas, este trabalho busca responder à seguinte questão: de que forma o conceito de embelezamento é representado na narrativa do filme *Enrolados* e como esses elementos contribuem para a construção da vilania da personagem Mãe Gothel, considerando os modos de narrar próprios dos contos de fadas e as representações simbólicas associadas ao feminino?

Para responder a essa questão, o estudo propõe analisar a relação entre beleza e maldade nas narrativas dos contos de fadas, com foco na personagem Mãe Gothel, bem como compreender a estrutura narrativa desse gênero e sua inserção na cultura popular. Busca-se, ainda, investigar a construção histórica e sociocultural do ideal de beleza e suas representações nas imagens e personagens femininas vilãs, fundamentando teoricamente o conceito de beleza a partir de diferentes perspectivas históricas e culturais.

No campo dos estudos de gênero, autoras como Holanda (2019) e Warner (1994) contribuem para a compreensão das construções sociais e simbólicas que permeiam as representações do feminino e da maldade. Essas análises dialogam com um imaginário cultural mais amplo, descrito por Xavier (2003) como um “senso comum pós-freudiano”, entendido como um conjunto de ideias disseminadas socialmente que se apropriam, de forma simplificada, de conceitos da psicanálise freudiana, como desejo, repressão, culpa e inconsciente, para interpretar comportamentos, emoções e relações sociais. Nesse contexto, valores morais, afetivos e sociais são constantemente negociados, e a vilania feminina no audiovisual pode ser compreendida como um produto narrativo que reflete e reforça discursos culturais sobre gênero, poder e normatividade. Nesse contexto, a vilania feminina no audiovisual pode ser compreendida como um produto narrativo que reflete e reforça discursos culturais sobre gênero, poder e normatividade.

Autores como Foucault (2010), Martín-Barbero (2001) e Courtine (2011) permitem ampliar essa reflexão ao considerar as relações entre discurso, cultura e sociedade, evidenciando como as narrativas audiovisuais participam da produção e circulação de sentidos. Além disso, Ismail Xavier (2003) destaca o papel do melodrama no cinema como uma estrutura narrativa que organiza conflitos morais de forma maniqueísta, oferecendo ao público respostas simbólicas às incertezas da modernidade. Essa lógica melodramática contribui para a simplificação de

personagens e para a recorrente oposição entre figuras femininas idealizadas e vilanizadas.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada principalmente na pesquisa bibliográfica, complementada pela análise formal do filme. O levantamento teórico permitirá contextualizar as discussões sobre gênero, poder, beleza e representação feminina no audiovisual. Serão observados elementos como figurino, enquadramentos, iluminação, expressões faciais e diálogos, com o objetivo de identificar os recursos audiovisuais que constroem sua caracterização como vilã.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, articulando pesquisa bibliográfica, análise de representação e análise formal do audiovisual. A investigação parte do entendimento de que a construção das personagens femininas nos contos de fadas, especialmente no cinema de animação, é atravessada por valores culturais, discursos de gênero e escolhas estéticas que produzem sentidos específicos sobre feminilidade, beleza e vilania.

A pesquisa bibliográfica constitui o eixo teórico que fundamenta a leitura do objeto, mobilizando estudos sobre contos de fadas, narrativa, representação e gênero. Esses referenciais não são compreendidos como um percurso linear ou hierárquico, mas como perspectivas complementares que orientam o olhar analítico sobre o filme, funcionando como base teórica a partir da qual o objeto é observado, descrito e interpretado.

A análise de representação (Mendes, 2019) é entendida como o exame dos sentidos simbólicos e discursivos atribuídos à personagem Mãe Gothel, considerando os estereótipos de gênero, os valores culturais associados à feminilidade, à beleza, à juventude e ao poder, bem como as tensões entre cuidado, controle e dominação presentes na narrativa. Essa dimensão da análise busca compreender o que é representado e quais significados sociais e culturais são mobilizados na construção da vilania feminina.

Complementarmente, a análise formal concentra-se nos recursos audiovisuais e narrativos que materializam esses sentidos no filme. São observados elementos como enquadramentos, iluminação, figurino, paleta de cores, expressões faciais, atuação vocal, composição visual, diálogos e organização da narrativa. Essa etapa

da análise permite compreender como a linguagem cinematográfica contribui para a construção simbólica da personagem, articulando forma e conteúdo. Ao integrar essas abordagens, busca-se ampliar a compreensão sobre a construção da vilania feminina no cinema e incentivar reflexões críticas acerca da necessidade de representações femininas mais complexas, diversas e menos estereotipadas.

O objeto empírico da pesquisa é o filme *Enrolados* (*Tangled*, 2010), produção dos estúdios Disney, dirigida por Nathan Greno e Byron Howard, com duração de 100 minutos. O filme foi assistido integralmente diversas vezes ao longo do processo de pesquisa, tanto para uma compreensão geral da narrativa quanto para a seleção e observação detalhada de cenas específicas. As cenas analisadas foram escolhidas por sua relevância na construção da personagem Mãe Gothel, especialmente aquelas que evidenciam o contraste entre juventude e envelhecimento, beleza e vilania.

A seleção das cenas considerou momentos-chave da narrativa em que esses elementos se manifestam de forma mais explícita, sendo identificadas e registradas suas respectivas minutagens, a fim de garantir rigor analítico e precisão na descrição do objeto. A análise dessas cenas é realizada à luz do referencial teórico adotado, de modo que a teoria funcione como embasamento metodológico para a leitura do filme, orientando a interpretação dos elementos formais e as representações observadas. Dessa forma, ao articular a pesquisa bibliográfica com a análise de representação e a análise formal, este estudo pretende contribuir para os debates sobre audiovisual, gênero e cultura.

A representação feminina no audiovisual influencia a construção de imaginários sociais e discursos sobre gênero. A forma como as vilãs são retratadas reflete valores culturais e molda percepções sobre feminilidade e comportamento feminino.

Esta pesquisa propõe uma análise crítica dessa construção narrativa, identificando padrões e suas implicações socioculturais. Ao examinar como a feminilidade é ressignificada na vilania, busca-se ampliar o debate sobre a necessidade de representações femininas mais complexas e diversas.

Muitas vilãs são associadas a sedução, vaidade e manipulação, reforçando uma visão dicotômica da feminilidade, submissa ou traiçoeira. Esse maniqueísmo influencia como as mulheres são vistas dentro e fora das telas.

Assim, este estudo contribui para os debates sobre audiovisual, gênero e cultura, incentivando narrativas que fujam de estereótipos e promovam personagens femininas mais autênticas e multifacetadas.

A escolha do filme *Enrolados* (2010) como objeto de estudo se justifica pelo modo como a personagem da Mãe Gothel encarna estereótipos femininos tradicionais e, ao mesmo tempo, representa a figura da vilã manipuladora, lançando luz sobre os discursos socioculturais que associam a feminilidade à maldade.

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre beleza e maldade nas narrativas dos contos de fadas, tomando como objeto o filme *Enrolados* (2010), com foco na construção da personagem Mãe Gothel. Busca-se compreender de que modo os elementos ficcionais próprios desse gênero mobilizam características historicamente associadas ao feminino, como beleza, vaidade e sedução, na constituição da vilania. Para tanto, pretende-se identificar e analisar a estrutura narrativa dos contos de fadas e sua representação na obra, bem como investigar a inserção dessas narrativas na cultura popular.

Já como objetivos específicos definimos: Os objetivos específicos são: a) identificar e compreender a dos contos de fada e sua inserção na cultura popular a partir do filme “*Enrolados*”; e b) refletir sobre a história da beleza na sociedade contemporânea e as suas representações nas imagens e personagens femininas vilãs de contos de fadas.

No capítulo “Os contos de Fada como dispositivos simbólicos de construção do feminino”, é apresentada uma contextualização teórica sobre os contos de fadas e suas transformações ao longo do tempo, com foco nas adaptações audiovisuais contemporâneas. Discute-se o papel dessas narrativas na construção de valores culturais e simbólicos, especialmente no que diz respeito às representações femininas, considerando contribuições de autores que analisam os contos tradicionais e suas releituras modernas.

O capítulo “Beleza, juventude e vilania” dedica-se à discussão sobre a construção do ideal feminino, abordando historicamente as noções de beleza, juventude e poder associadas às personagens femininas. Nesse momento, são

analisados os estereótipos recorrentes nas narrativas de contos de fadas e como esses elementos contribuem para a consolidação de papéis de gênero, com atenção especial às figuras femininas antagonistas.

No capítulo “A construção da face feminina do mal no filme Enrolados”, é realizada a análise do filme Enrolados (2010), com foco na personagem Mãe Gothel. A análise é desenvolvida a partir das categorias metodológicas definidas: aparência física, conduta emocional e moral, trajetória simbólica e arco narrativo, buscando compreender de que forma características tradicionalmente associadas à feminilidade são ressignificadas como traços de vilania na narrativa audiovisual.

Por fim, nas considerações finais, são retomadas as principais reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho, apontando os resultados da análise e suas contribuições para o debate sobre representação feminina, estereótipos de gênero e vilania nas narrativas contemporâneas, bem como possíveis caminhos para pesquisas futuras.

2. OS CONTOS DE FADAS COMO DISPOSITIVOS SIMBÓLICOS DE CONSTRUÇÃO DO FEMININO: ELEMENTOS, ARQUÉTIPOS E A ESTÉTICA DA BELEZA

Este capítulo tem como objetivo discutir os contos de fadas como dispositivos simbólicos fundamentais na construção das representações do feminino, analisando seus elementos narrativos, arquétipos recorrentes e a estética da beleza que atravessa essas narrativas. Parte-se da compreensão de que os contos de fadas não apenas entretêm, mas operam como formas culturais que organizam valores morais, comportamentos sociais e expectativas de gênero, especialmente no que se refere às personagens femininas. Ao abordar a gênese, o desenvolvimento e a organização narrativa desses contos, bem como a relação entre beleza, vilania e permanência social, o capítulo busca evidenciar como tais estruturas simbólicas se consolidam historicamente e permanecem atuantes, sendo constantemente reelaboradas em adaptações contemporâneas.

2.1 Contos de fadas: gênese, desenvolvimento e organização narrativa

Os contos de fadas têm raízes nas tradições orais, sendo transmitidos de geração em geração muito antes de serem sistematizados pela escrita. Essas narrativas populares surgiram em diversas culturas como forma de expressão simbólica dos medos, desejos e valores coletivos. Segundo Jack Zipes (2006), os contos de fadas funcionam como representações culturais moldadas por processos históricos e sociais, refletindo conflitos e aspirações humanas.

Como observa Marina Warner (1994), essas narrativas oferecem modelos de conduta e metáforas acessíveis sobre os dilemas humanos, funcionando como espelhos das relações sociais e dos papéis de gênero. Para Bruno Bettelheim (2002), essas histórias cumprem um papel essencial no desenvolvimento infantil, pois oferecem ferramentas simbólicas para lidar com emoções complexas, como medo, abandono e insegurança, permitindo que a criança compreenda a si mesma e ao mundo que a cerca. Warner (1994) complementa essa perspectiva ao afirmar que os contos de fadas oferecem modelos de conduta e metáforas acessíveis sobre os dilemas humanos, funcionando como um espelho das relações sociais e dos papéis de gênero.

O processo de sistematização e popularização dos contos de fadas se intensifica a partir do século XVII, com autores como Charles Perrault, um dos primeiros a transformar essas histórias orais em literatura voltada para o público aristocrático e, progressivamente, para as crianças. No século XIX, os Irmãos Grimm desempenham papel fundamental na coleta, adaptação e preservação dos contos na tradição alemã, suavizando alguns elementos e reforçando valores morais condizentes com a sociedade burguesa da época.

Warner (1995) destaca que os contos não são estáticos; eles se adaptam às transformações culturais e sociais. Essa maleabilidade explica por que figuras como madrastas, bruxas e princesas, bem como arquétipos universais como o herói e o vilão, foram sendo ressignificados ao longo do tempo, conforme os contextos históricos e culturais. Ao longo dos séculos, essas figuras sofreram constantes reelaborações. Nas versões orais medievais, por exemplo, a figura da bruxa muitas vezes representava a mulher curandeira ou sábia da comunidade, cuja autonomia espiritual e social era vista com ambiguidade. Com a moral cristã e o fortalecimento do patriarcado, esse mesmo arquétipo foi transformado em símbolo do mal e da transgressão feminina (Warner, 1995; Estés, 1992).

Já a princesa, inicialmente retratada em narrativas populares orais europeias medievais como uma jovem astuta e ativa, passou a ser gradualmente domesticada nas versões literárias dos séculos XVII e XVIII (Zipes, 1988), especialmente nas adaptações de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm.

Ao longo do século XX, sobretudo a partir da consolidação da indústria cultural e do cinema de animação, esses papéis voltaram a se reconfigurar de modo não homogêneo, em diálogo com profundas transformações sociais e políticas que afetaram as relações de gênero. Nesse contexto, as princesas passaram gradualmente a adquirir maior voz e agência, enquanto vilãs, como Gothel, passaram a expressar conflitos mais complexos entre poder, desejo e identidade feminina.

Essas transformações nas representações do feminino não ocorrem de forma aleatória, mas se articulam a disputas simbólicas, históricas e culturais que atravessam os contos de fadas e suas interpretações ao longo do tempo. A noção de arquétipo, formulada originalmente por Carl G. Jung (2011), refere-se a imagens e padrões simbólicos recorrentes no imaginário coletivo, que estruturam narrativas, personagens e conflitos de modo relativamente estável.

Já Joseph Campbell (1949), a partir de um campo teórico distinto, identifica recorrências estruturais nos mitos de diferentes culturas, propondo o chamado “mito do herói” como uma matriz narrativa composta por etapas simbólicas de partida, iniciação e retorno. Embora partam de pressupostos diferentes, ambas as abordagens contribuem para a compreensão da persistência e da transformação de modelos narrativos no imaginário cultural.

Em uma abordagem distinta, voltada à análise formal das narrativas, Vladimir Propp (2010), ao estudar a estrutura dos contos maravilhosos russos, oferece uma contribuição fundamental para compreender como essas narrativas se organizam. O autor identificou que, apesar das variações culturais ou temáticas, esses contos compartilham uma sequência recorrente de eventos, que ele denominou funções narrativas. Segundo Propp, a estrutura dos contos segue uma lógica relativamente estável, composta por etapas como a falta ou o dano inicial, a partida do herói, a superação de provas, a obtenção de um objeto mágico e, por fim, a reparação e recompensa. Essa abordagem estruturalista evidencia a presença de padrões narrativos que operam no nível da forma, independentemente das especificidades simbólicas ou históricas de cada narrativa.

A pesquisadora Sandra Valenzuela (2013), em “Once Upon a Time: da literatura para a série de TV”, observa que essas histórias tradicionais oferecem repertórios narrativos que permitem compreender valores, normas e representações culturais sobre o comportamento humano, especialmente no que se refere à construção de gênero e aos papéis sociais. Assim, contos como Cinderela, Branca de Neve e A Bela Adormecida não apenas refletem seus contextos históricos, mas também contribuem para consolidar modelos de feminilidade, docilidade e moralidade que permanecem influentes em suas adaptações modernas.

A partir dessa perspectiva, os contos de fadas possuem uma relevância que transcende o mero entretenimento: eles funcionam como instrumentos de transmissão cultural, mediando a forma como sociedades interpretam medos, desejos e conflitos coletivos. Ao longo do tempo, essas narrativas evoluíram em forma e conteúdo, adaptando-se a novos contextos e mídias, como as animações da Disney ou o filme *Enrolados* (2010), mas mantendo sua função de estruturar e transmitir códigos simbólicos que moldam percepções sobre o mundo e sobre os papéis sociais, incluindo a construção do feminino.

Os contos de fadas, desde sua origem, apresentam uma série de elementos que se repetem, tanto na composição dos personagens quanto na estrutura dos enredos e na transmissão de valores. Esses elementos são responsáveis por garantir que essas histórias sejam reconhecidas, compreendidas e internalizadas por diferentes gerações, exercendo influência direta na formação cultural, social e subjetiva dos indivíduos. Um dos elementos mais recorrentes na construção dessas narrativas são os arquétipos.

A partir dos estudos desenvolvidos por Carl Gustav Jung (1921), os arquétipos são compreendidos como imagens primordiais, padrões universais de comportamento e representações que fazem parte do inconsciente coletivo da humanidade. Nos contos de fadas, essas figuras aparecem de forma recorrente, representadas por personagens como o herói, a donzela, o vilão, a madrasta, a bruxa, o ancião sábio e o ajudante mágico. Cada um desses arquétipos carrega consigo significados simbólicos profundos, que dialogam com experiências humanas universais, como o medo, o desejo, a superação, o amadurecimento e a construção da identidade.

O arquétipo do herói, segundo Joseph Campbell (1949), simboliza a jornada universal de transformação: um indivíduo deixa o espaço comum, enfrenta perigos, superar provações e retornar modificado. Essa estrutura mítica não diz respeito apenas ao enfrentamento de forças externas, mas ao processo interno de amadurecimento, que envolve reconhecer a própria identidade, enfrentar medos e conquistar autonomia. Campbell destaca que essa jornada também pode ser assumida por figuras femininas, embora, nas tradições culturais ocidentais, a mulher tenha sido frequentemente associada ao arquétipo da donzela passiva, o que faz com que histórias que colocam mulheres no centro da aventura representem deslocamentos importantes no imaginário social.

Nos contos de fadas tradicionais, como mostram autores como Warner (1999) e Zipes (2012), há uma distinção clara entre a “princesa que aguarda” e a “heroína que age”, sendo esta última muito menos frequente nas versões clássicas, mas cada vez mais presente em releituras contemporâneas. A jornada da heroína, nesses casos, incorpora não apenas o enfrentamento de obstáculos externos, mas a conquista da própria agência, da palavra e da mobilidade, elementos historicamente negados às mulheres nas narrativas maravilhosas.

Nesse sentido, além da distinção entre a princesa passiva e a heroína que age, os contos de fadas também se estruturam a partir de padrões narrativos e simbólicos recorrentes que atravessam culturas e temporalidades. Para além das funções narrativas descritas por Vladimir Propp em *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984), essas narrativas mobilizam estruturas arquetípicas que organizam a experiência simbólica do enredo. A noção de arquétipo, conforme desenvolvida por Carl Gustav Jung (2000), refere-se a imagens primordiais do inconsciente coletivo que se manifestam em personagens recorrentes, como o herói, a donzela, a mãe, o velho sábio ou o trickster. Assim, essas figuras condensam experiências humanas universais e orientam não apenas o desenvolvimento da narrativa, mas também os modos de identificação e interpretação do público diante dessas histórias.

Assim, ao lado das funções narrativas propostas por Propp, que organizam logicamente o enredo a partir de sequências como a falta inicial, as provas, a reparação e a recompensa, os arquétipos oferecem o substrato simbólico que dá sentido a essas funções. O vilão não é apenas aquele que impõe o desafio, mas a corporificação do mal e da ameaça à ordem; o doador, por sua vez, remete ao arquétipo do guia ou do mentor, que transmite o conhecimento necessário para a superação da prova; já o herói, ao cumprir sua missão, simboliza a possibilidade de transcendência e de restauração da harmonia. Dessa forma, as narrativas maravilhosas articulam estrutura e simbolismo, oferecendo não só entretenimento, mas também modelos de comportamento, valores e visões de mundo.

No filme *Enrolados* (2010), Rapunzel encarna plenamente o arquétipo do herói, pois é sua trajetória que estrutura todo o enredo. O “mundo ordinário” da heroína é a torre onde vive isolada sob o controle de Mãe Gothel. A “chamada da aventura” ocorre quando ela deseja sair para ver as lanternas, e a recusa inicial é marcada pelo medo incutido pela vilã. Ao sair da torre, Rapunzel atravessa o limiar e inicia sua verdadeira jornada, enfrentando desafios físicos, emocionais e identitários. Ela aprende a negociar com estranhos, confronta situações de perigo, questiona crenças impostas e descobre sua origem. Mais do que isso, Rapunzel é quem toma as decisões centrais da narrativa, quem salva Flynn¹ em vários momentos e quem,

¹ Flynn Rider, nome adotado por Eugene Fitzherbert, é apresentado como um ladrão que, ao longo da narrativa de *Enrolados* (2010), passa por um processo de amadurecimento moral. Sua trajetória combina humor e vulnerabilidade, funcionando como contraponto às figuras de poder feminino, especialmente à personagem Mãe Gothel.

no clímax, destrói simbolicamente o poder da vilã ao recuperar sua autonomia. Sua jornada é a de uma jovem que vence a opressão, conquista o próprio lugar no mundo e se reconhece como sujeito ativo, configurando um modelo de heroísmo feminino que rompe com padrões tradicionais dos contos de fadas.

O Mensageiro, segundo Campbell (1949), é a figura que inaugura simbolicamente a Jornada do Herói ao apresentar o chamado para a aventura. Trata-se de um arquétipo estruturante, pois marca a ruptura entre o mundo ordinário do protagonista e a possibilidade de transformação. Campbell descreve essa figura como a responsável por interromper a rotina do personagem, trazendo uma informação reveladora, um convite ou mesmo uma ameaça que força o herói a sair da estagnação. O Mensageiro não precisa ser necessariamente uma pessoa, podendo se manifestar como evento, sinal, acontecimento extraordinário ou objeto que inaugura o deslocamento. Assim, mais do que um personagem isolado, o Mensageiro atua como dispositivo narrativo que ativa a consciência da heroína, indicando que permanecer onde está não é mais possível.

Nos contos de fadas tradicionais, o Mensageiro frequentemente assume a forma de uma figura mágica ou sobrenatural, um animal falante, uma fada madrinha, um objeto encantado ou uma circunstância inesperada. Em Branca de Neve, por exemplo, a ordem de execução dada pelo caçador é um chamado indireto que obriga a protagonista a fugir e entrar na floresta. Em João e o Pé de Feijão, as sementes misteriosas adquiridas pelo menino funcionam como um mensageiro que desestabiliza seu cotidiano e abre caminho para o mundo extraordinário. É importante notar que, nas narrativas clássicas, o Mensageiro quase sempre aponta para uma verdade que estava oculta, revelando a fragilidade do mundo inicial e impulsionando o movimento de amadurecimento. Assim, ele atua como catalisador da transição, um vetor que desloca o herói da inocência para um estado de consciência ampliada.

Em Enrolados (2010), o arquétipo do Mensageiro se manifesta de maneira multifacetada e particularmente simbólica para a trajetória de Rapunzel. O primeiro chamado para a aventura é representado pelas lanternas flutuantes que a princesa observa anualmente. Embora Rapunzel não saiba sua real origem, as lanternas funcionam como um Mensageiro silencioso que convoca a personagem a buscar respostas sobre si mesma. O fenômeno das lanternas, repetido todos os anos no dia de seu aniversário, atua como um lembrete constante de que há algo além da torre,

fazendo com que Rapunzel, mesmo sob o controle psicológico de Gothel, desenvolva uma inquietação que excede os limites impostos. Essa escolha narrativa é significativa, pois, ao fazer das lanternas o Mensageiro, o filme privilegia um elemento visual que representa não apenas o chamado externo, mas também o despertar interno da protagonista.

Um segundo Mensageiro na narrativa é Flynn Rider. Ao invadir a torre enquanto foge após um roubo, Flynn não apenas quebra a rotina de isolamento de Rapunzel, mas também materializa a ponte entre seu confinamento e o mundo exterior. Ele encarna um Mensageiro involuntário, cuja presença concreta torna impossível para Rapunzel ignorar o chamado. A chegada de Flynn, portanto, organiza o conflito dramático que força a heroína a agir, negociar sua saída e confrontar o medo internalizado por Gothel. Sua função simbólica não é a de salvador, mas de disparador: ele desencadeia os eventos que permitem à protagonista atravessar o limiar.

A presença desses dois Mensageiros, as lanternas e Flynn, revela uma estratégia estética da narrativa: enquanto o primeiro símbolo (as lanternas) atíça o desejo e desperta a subjetividade, o segundo símbolo (Flynn) viabiliza a ação e opera como catalisador concreto da jornada. Esse duplo papel aprofunda a construção de Rapunzel como heroína, pois evidencia que sua transformação não é fruto de intervenção externa isolada, mas da combinação entre desejo interno e oportunidade narrativa. A função do Mensageiro, em *Enrolados*, é essencial para o desenvolvimento da protagonista e para a dinâmica de vilania de Mãe Gothel, já que cada chamado para a aventura representa, de algum modo, a quebra do controle exercido pela antagonista. Ao responder ao Mensageiro, Rapunzel rompe com o ciclo de dominação simbólica de Gothel e inaugura sua trajetória de libertação.

O arquétipo do Guardiã do Limiar, conforme sistematizado por Joseph Campbell, representa as forças simbólicas que se interpõem entre o herói e sua passagem do mundo comum para o mundo da aventura. Trata-se de uma figura, evento ou circunstância que, ao tentar impedir ou retardar a travessia, também a legitima, pois atesta que a jornada implica riscos, transformações e rupturas significativas. O Guardiã do Limiar funciona como teste inicial da coragem e da determinação do protagonista, exigindo que este confronte não apenas um obstáculo externo, mas também suas próprias inseguranças, medos e contradições

internas. Assim, o arquétipo expressa o momento em que o sujeito se depara com o limite entre quem ele é e quem precisa se tornar.

Nos contos de fadas tradicionais, esse arquétipo é amplamente reconhecível em figuras como a madrasta de Branca de Neve, a bruxa de João e Maria, ou criaturas monstruosas que guardam castelos, florestas ou objetos mágicos. O Guardiã é, geralmente, uma entidade que impõe barreiras à passagem da inocência para a experiência, da dependência para a autonomia e da infância para a maturidade. Em termos simbólicos, essas figuras representam normas sociais, medos culturais e forças de controle que atuam sobre a subjetividade do protagonista. Elas vigiam o limiar entre mundos, impedindo a transgressão da ordem estabelecida e protegendo espaços que não devem ser penetrados sem preparo.

Na narrativa de Enrolados, Mãe Gothel encarna de maneira exemplar o arquétipo do Guardiã do Limiar. Sua função é impedir Rapunzel de atravessar o limite da torre, tanto no sentido literal quanto metafórico. Gothel cria um ambiente de medo e insegurança, reforçando a crença de que o mundo exterior é hostil, manipulando emocionalmente a jovem e restringindo sua autonomia. Assim, ela age simultaneamente como guardiã física, mantendo a protagonista enclausurada, e como guardiã psicológica, minando sua autoconfiança e construindo barreiras internas mais fortes do que as externas. A superação dessa figura, portanto, não consiste apenas em deixar a torre, mas em romper com o sistema de controle e dependência que Gothel representa.

O arquétipo do Chefe Final, conforme descrito por Campbell, constitui o ápice da jornada heroica. Ele simboliza o último e mais desafiador obstáculo que separa o Herói de sua realização plena, representando o confronto definitivo entre forças antagônicas: vida e morte, liberdade e opressão, ignorância e verdade. O Chefe Final é o antagonista cuja derrota exige não somente habilidades adquiridas ao longo da jornada, mas também a integração simbólica de todos os aprendizados vivenciados pelo Herói. Esse confronto é, sobretudo, uma batalha interna, pois exige que o protagonista enfrente seus maiores medos, vulnerabilidades e limitações.

Nos contos de fadas, o Chefe Final é frequentemente representado por bruxas, dragões, feiticeiras e tiranos cuja eliminação final restabelece a ordem da narrativa e assegura o desfecho moral desejado. A madrasta de Cinderela, a bruxa de A Pequena Sereia ou o dragão de A Bela Adormecida são exemplos clássicos desse papel narrativo. Diferentemente do Guardiã do Limiar, que impede a

travessia inicial, o Chefe Final concentra em si a carga total do antagonismo, acumulada ao longo da trama. Sua derrota simboliza a conquista plena da autonomia, o fim do ciclo de opressão e a confirmação da maturidade do herói ou heroína.

Em *Enrolados*, Mãe Gothel ocupa também a posição de Chefe Final, acumulando o papel de antagonista máxima da narrativa. No clímax do filme, sua violência simbólica se torna violência concreta, quando ela tenta matar Flynn e aprisionar Rapunzel definitivamente, revelando a totalidade de sua tirania. A batalha final não se resume ao confronto físico, mas à destruição do vínculo de manipulação que ela mantinha com a protagonista desde a infância. A morte de Gothel representa o colapso definitivo da estrutura de poder que sustentava sua dominação, ao mesmo tempo em que marca o nascimento simbólico de Rapunzel como sujeito autônomo. Dessa forma, a derrota da antagonista não é apenas o fim de um conflito narrativo, mas a consumação da emancipação psicológica e identitária da heroína.

Já o arquétipo da donzela, ou da princesa, simboliza a pureza, a inocência e o potencial de transformação. Em narrativas clássicas, como *Cinderela* ou *Branca de Neve*, ela é frequentemente colocada em situações de prova que testam sua virtude e paciência, culminando em uma recompensa que restaura a ordem e o equilíbrio. No entanto, nas releituras contemporâneas, essa figura tem sido ressignificada: princesas como Rapunzel (*Enrolados*, 2010) e Elsa (*Frozen*, 2013) já não esperam ser salvas, mas conduzem suas próprias jornadas, reconfigurando o arquétipo tradicional e introduzindo novas formas de representação feminina.

O arquétipo da bruxa ou da vilã ocupa o pólo oposto da donzela, representando forças consideradas sombrias ou ameaçadoras. Em Jung, a sombra é o aspecto reprimido da psique, e sua presença nas narrativas simboliza o confronto com aquilo que a consciência tenta negar. Personagens como a Rainha Má (*Branca de Neve*) ou Malévola (*A Bela Adormecida*) corporificam o medo da mulher que detém poder e conhecimento. Essas figuras, historicamente associadas à sabedoria feminina e à autonomia, traços outrora ligados às curandeiras e parteiras das tradições orais, foram reinterpretadas pela moral cristã como símbolos de desobediência e maldade (Warner, 1995). Assim, a vilania feminina reflete não apenas o conflito interno da psique, mas também o controle social sobre as formas de poder das mulheres.

O arquétipo da madrasta, recorrente em histórias como Cinderela e Branca de Neve, reforça outro tipo de tensão simbólica: o medo da substituição e da rejeição. Ela é a figura que representa a ruptura do vínculo materno e o surgimento da rivalidade entre mulheres, muitas vezes motivada pela beleza ou pela juventude. Do ponto de vista simbólico, essa personagem pode ser lida como a mãe negativa, o aspecto ameaçador da figura materna que, ao invés de proteger, pune ou exclui. A madrasta evidencia, assim, o conflito entre gerações femininas, revelando como o envelhecimento e a perda da juventude são culturalmente associados à perda de valor e de poder.

O ancião sábio, por outro lado, simboliza a sabedoria acumulada, o guia espiritual que orienta o herói em sua jornada. Ele pode aparecer na forma de um mago, como Merlin nas narrativas arturianas, ou de uma figura benevolente e auxiliar, como a fada madrinha de Cinderela. Segundo Jung (2011), essa figura representa o arquétipo do Velho Sábio, que surge quando o indivíduo busca sentido e orientação diante de uma transformação interior. Nos contos, sua função é restaurar o equilíbrio e apontar o caminho da superação, sendo, portanto, um mediador entre o mundo real e o simbólico.

Por fim, o arquétipo do ajudante mágico é aquele que oferece ao herói ou à heroína os meios necessários para completar a jornada. Pode se manifestar como um animal falante, um objeto encantado ou um aliado sobrenatural, como o gato de O Gato de Botas ou o grilo Falante de Pinóquio. Em termos simbólicos, o ajudante representa a confiança nas forças inconscientes e na intuição, auxiliando o protagonista a acessar recursos internos que ele desconhecia possuir.

A análise desses arquétipos permite compreender como os contos de fadas operam como narrativas simbólicas que espelham conflitos humanos universais. Ao longo do tempo, essas figuras foram sendo reinterpretadas, mas continuam a desempenhar um papel essencial na construção de significados sobre moralidade, poder e identidade, especialmente no que diz respeito às representações do feminino.

O herói, por exemplo, é aquele que deixa o ambiente conhecido, enfrentar desafios, superar obstáculos e retornar transformado, representando o processo de amadurecimento e autoconhecimento. A figura da bruxa, da madrasta ou da vilã, por sua vez, muitas vezes representa medos associados à perda, ao abandono, à punição ou às forças consideradas negativas, tanto no plano interno da psique

quanto no contexto social. Esses arquétipos não são apenas personagens da história, mas espelhos simbólicos dos processos psíquicos que cada indivíduo vivencia ao longo da vida.

Joseph Campbell (1990), ao desenvolver a teoria do monomito, mostra como a jornada do herói articula essas imagens arquetípicas em uma sequência ritualizada de etapas: a partida, a iniciação e o retorno. Essa estrutura, retomada por Christopher Vogler (1998) para a análise dos roteiros cinematográficos, amplia a compreensão de que o herói só pode se constituir como tal porque encontra antagonistas, mentores e auxiliares que representam dimensões específicas da experiência humana.

Já Aristóteles, em *Poética*, ao discutir os princípios da tragédia, introduz conceitos fundamentais como mimesis e catarse, que permanecem essenciais para compreender a função das narrativas na formação do público. A mimesis, ou imitação, não deve ser entendida como simples cópia da realidade, mas como uma forma de representação que busca reproduzir as ações humanas em sua dimensão simbólica e ética. Para Aristóteles, a arte imita não o que é, mas o que poderia ser, ou seja, ela apresenta modelos de conduta e situações que permitem ao espectador refletir sobre a experiência humana.

A catarse, por sua vez, é o processo de purificação emocional que o público vivencia ao entrar em contato com essas representações. Por meio do medo e da piedade despertados nas narrativas, o espectador é conduzido a uma espécie de aprendizado moral e afetivo. Nesse sentido, Aristóteles reconhece na arte e, por extensão, nas narrativas fabulares e nos contos de fadas, um papel pedagógico e formativo, capaz de orientar a compreensão dos valores éticos, das virtudes e dos limites da ação humana.

Quando aplicados aos contos de fadas, esses conceitos ajudam a compreender por que essas histórias foram historicamente utilizadas como instrumentos de educação moral, especialmente das crianças. Em *Cinderela* e *A Bela Adormecida*, por exemplo, a bondade e a obediência são recompensadas, enquanto a inveja e o orgulho são punidos, reproduzindo um modelo de moralidade que orienta comportamentos. Assim como nas tragédias clássicas, o público, nesse caso, o leitor ou ouvinte, experimenta uma forma de catarse ao se identificar com o sofrimento e a superação das personagens.

A mimesis também está presente na forma como essas narrativas constroem arquétipos e padrões de conduta. A princesa virtuosa, a madrasta invejosa e o herói corajoso são representações que condensam valores e normas sociais, transformando experiências coletivas em símbolos reconhecíveis. Essa capacidade de espelhar e, ao mesmo tempo, idealizar a vida humana confere aos contos de fadas uma força duradoura, pois eles continuam a educar afetivamente seus leitores, ainda que sob novas linguagens e formatos midiáticos.

Dessa forma, a leitura aristotélica permite entender os contos de fadas como herdeiros de uma tradição narrativa que ultrapassa o mero entretenimento. Assim como as tragédias gregas, eles articulam emoção e aprendizado, funcionando como espaços simbólicos de reflexão moral e cultural. Essa dimensão formativa explica por que tais histórias se mantêm vivas ao longo dos séculos, adaptando-se às transformações sociais, mas conservando sua essência pedagógica e sua capacidade de modelar o imaginário coletivo.

Outro elemento fundamental presente nas narrativas dos contos de fadas é a moral. Essas histórias, desde suas versões mais antigas, carregam ensinamentos, orientações e reflexões que, muitas vezes, funcionam como ferramentas de transmissão de valores sociais. A clara distinção entre o bem e o mal, a punição dos vilões e a recompensa dos heróis refletem modelos de comportamento desejados e reforçam normas culturais. As mensagens transmitidas vão desde lições sobre obediência, coragem, generosidade e persistência até advertências sobre perigos, como a desobediência, a curiosidade excessiva ou a maldade.

No entanto, ao mesmo tempo em que os contos de fadas cumprem essa função de ensino, eles também colaboram para a perpetuação de estereótipos sociais, especialmente no que diz respeito aos papéis de gênero. As representações recorrentes de figuras femininas como madrastas más, bruxas invejosas ou mulheres excessivamente vaidosas e sedutoras revelam não apenas construções simbólicas internas, mas também reflexos de estruturas sociais que associam o feminino, muitas vezes, ao perigo, à desordem ou à malícia, especialmente quando essas mulheres se desviam dos modelos tradicionais e patriarcais de maternidade, docilidade e submissão.

Dessa forma, os elementos recorrentes nos contos de fadas, arquétipos, funções e moral, não são apenas recursos narrativos, mas também instrumentos de formação cultural. Eles constroem modelos, orientam comportamentos e, ao mesmo

tempo, refletem e reforçam determinadas visões de mundo. Entender como esses elementos operam é essencial para compreender, nas análises posteriores, de que maneira a vilania feminina se configura nessas narrativas e como ela dialoga com padrões socioculturais enraizados, especialmente na construção de personagens como Mãe Gothel no filme *Enrolados* (2010).

A representação do feminino nos contos de fadas é atravessada por simbologias que refletem, de forma direta, as construções sociais, culturais e históricas sobre o papel da mulher na sociedade. Essas narrativas, ao longo dos séculos, reforçaram modelos de feminilidade que estão diretamente relacionados à dicotomia entre a mulher idealizada, associada à pureza, docilidade, obediência e beleza, e a mulher desviante, que rompe com esses padrões e, conseqüentemente, é frequentemente associada à vilania, à maldade ou à ameaça.

Nos contos clássicos observa-se que as personagens femininas são, majoritariamente, construídas a partir de papéis bem delimitados e recorrentes. De um lado, surgem figuras como a jovem donzela ou a princesa submissa, que aguarda ser salva por um herói, geralmente masculino. Na tradição literária, exemplos clássicos incluem Bela adormecida, que espera ser resgatada pelo príncipe, ou Branca de Neve, cuja vida depende da intervenção de terceiros. Em adaptações modernas, como *Rapunzel em Enrolados* (2010), embora a personagem demonstre iniciativa e curiosidade pelo mundo exterior, sua trajetória ainda mantém aspectos desse arquétipo, especialmente na centralidade da juventude e da beleza como atributos valorizados e desejados. Essas personagens representam o ideal de feminilidade aceito socialmente: bela, frágil, silenciosa e obediente, sendo frequentemente recompensadas com casamento, amor romântico ou inserção em um modelo familiar convencional.

Por outro lado, também é recorrente a presença de figuras femininas associadas ao desvio desse ideal: madrastas, bruxas, feiticeiras e mulheres mais velhas aparecem, frequentemente, como antagonistas que representam a ameaça, a inveja, o egoísmo e a destruição. Essas personagens carregam simbologias relacionadas à vaidade, à ambição, ao desejo de poder e à ruptura dos papéis tradicionais da mulher. O envelhecimento, nesse contexto, é marcado de forma negativa, uma vez que as mulheres que envelhecem perdem sua “utilidade” dentro

dos padrões da beleza e da maternidade, sendo, então, deslocadas para o campo da vilania.

Marina Warner (1995) destaca que a divisão das figuras femininas nos contos de fadas reflete diretamente os medos e ansiedades coletivas sobre o poder feminino. A bruxa, por exemplo, simboliza não apenas a mulher que detém saberes considerados perigosos, como os conhecimentos sobre ervas, magia e cura, mas também aquela que não se submete às normas patriarcais. Da mesma forma, a madrasta é construída como uma mulher que ocupa um lugar que não lhe é originalmente destinado, o da mãe, e, por isso, carrega consigo a marca do desvio, do excesso e da maldade.

A simbologia do feminino nos contos de fadas também está profundamente ligada à beleza. A mulher boa, virtuosa e digna de amor é, quase sempre, descrita como fisicamente bela, jovem, delicada e encantadora. A beleza, nesse contexto, não é apenas uma característica estética, mas um valor moral. Ser bela equivale a ser boa, enquanto a feiura ou os traços associados ao envelhecimento são frequentemente utilizados para caracterizar vilãs, bruxas e outras figuras ameaçadoras nas narrativas. Essa associação reforça o estereótipo de que a feminilidade socialmente aceitável está diretamente condicionada à juventude, à docilidade e à passividade.

Naomi Wolf (1991), em sua obra *O Mito da Beleza*, discute como a sociedade impõe padrões rígidos de beleza às mulheres, vinculando sua valorização social à aparência física e estabelecendo a beleza como uma forma de poder que condiciona comportamentos e relações de gênero. Nos contos de fadas, esse mito é reproduzido ao apresentar a beleza como sinônimo de virtude, enquanto a feiura é símbolo do mal e da transgressão, perpetuando uma lógica excludente e limitadora para a representação do feminino (Zipes, 1983; Warner, 1994; Rowe, 1986).

Nessa perspectiva, para Warner (1995) os papéis femininos nos contos de fadas são construídos como representações simbólicas de normas sociais e expectativas culturais. As figuras maternas, sejam protetoras ou antagonistas, refletem modelos de comportamento valorizados ou criticados pela sociedade, transmitindo mensagens sobre autoridade, cuidado e poder feminino. Assim, a madrasta ou a bruxa não são apenas personagens negativas isolados, mas veículos narrativos que reforçam valores e limites socialmente reconhecidos, influenciando a

percepção de meninas e meninos sobre os papéis que as mulheres devem ocupar na vida social e familiar.

No entanto, embora seja possível compreender essa lógica simbólica dentro de uma perspectiva histórica e sociocultural, é necessário reconhecer que essas representações também contribuem para a perpetuação de estereótipos de gênero. Ao associar o poder feminino à vilania, à vaidade, à inveja ou à maldade, os contos de fadas reforçam uma visão limitada e, muitas vezes, distorcida sobre as múltiplas formas de ser mulher.

Essa construção simbólica do feminino, pautada na dicotomia entre a mulher ideal e a mulher desviante, permanece, ainda hoje, presente em muitas narrativas contemporâneas, seja na literatura, no cinema ou em outras mídias. No caso específico do filme *Enrolados* (2010), essa dinâmica se faz evidente na personagem Mãe Gothel, que encarna muitos dos traços associados às vilãs clássicas dos contos de fadas: beleza envelhecida, vaidade excessiva, manipulação, controle e a negação do papel materno legítimo. Compreender como esses elementos se articulam dentro do discurso narrativo é fundamental para a análise da construção da vilania feminina no universo dos contos e suas adaptações modernas.

2.2 A Vilania Feminina e Permanência Social nos Contos de Fadas

A construção da vilania feminina nos contos de fadas está profundamente relacionada a um conjunto de valores culturais que historicamente associam a feminilidade à aparência física, especialmente à beleza. Nos relatos tradicionais, a busca pela beleza não é apenas um traço individual das personagens, mas um elemento estruturante da narrativa, funcionando como motor simbólico para a definição do bem e do mal. Como observa Marina Warner, em sua obra *“From the Beast to the Blonde”* (1994), os contos de fadas utilizam a estética feminina como um dos principais dispositivos para comunicar valores sociais, criando fronteiras claras entre virtude, bondade e docilidade, de um lado, e vaidade, ambição e excesso, de outro. É nesse cenário que a vilã emerge como figura transgressora, pois deseja ativamente aquilo que, para as heroínas, aparece como atributo natural: a beleza.

Nas narrativas clássicas, a beleza da heroína não é conquistada, mas concedida. Jack Zipes (2011) destaca que a protagonista dos contos tradicionalmente ocupa um espaço marcado pela pureza e pela gratuidade da

aparência, sendo bela porque é boa, e sendo boa porque é bela. Há, segundo ele, uma equivalência simbólica entre moralidade e aparência, que estrutura a identificação imediata do leitor ou ouvinte com a jovem heroína. Daí decorre a oposição fundamental: se a beleza é natural na protagonista, ela é objeto de desejo na vilã. A vilã não se torna maléfica por ser feia, velha ou desviante. Ela se torna maléfica por desejar a beleza com intensidade, por agir para obtê-la e por ultrapassar limites éticos para alcançar esse objetivo. Como afirma Cristina Bacamarte (2018), a vilania feminina nos contos tem menos relação com a aparência física e mais com a atitude diante dessa aparência.

É justamente essa atitude, marcada pelo excesso, que caracteriza a antagonista. Enquanto a heroína é bela de forma espontânea e involuntária, a vilã se dedica a preservar, criar ou recuperar sua beleza. Em “The Classic Fairy Tales” (2003), Maria Tatar argumenta que essa oposição revela a desconfiança histórica em relação às mulheres que mobilizam seus atributos para fins pessoais. Para Tatar, o problema não é a beleza em si, mas o desejo de obtê-la ou mantê-la, desejo esse representado como perigoso porque escapa às normas de passividade associadas ao feminino. Dessa forma, a vaidade não é um pecado trivial nesses contos, mas um marcador moral que anuncia a capacidade da vilã de manipular, enganar, seduzir e dominar outras personagens.

A Rainha Má, de “Branca de Neve”, é um exemplo emblemático dessa tradição. Sua identidade e sua autoridade são inteiramente estruturadas em torno da disputa estética com a enteada, cuja juventude e beleza natural representam uma ameaça ao prestígio da rainha. Zipes (2011) observa que a pergunta ao espelho não é mero capricho, mas um ritual narrativo que expõe com clareza a lógica da vilania nos contos: a beleza não é apenas um atributo, mas um território de poder. A antagonista administra, controla ou vigia esse território, enquanto a protagonista o ocupa sem consciência da disputa.

A estrutura simbólica se repete em diversas histórias. Em “Cinderela”, as irmãs invejam a beleza e a delicadeza da protagonista, mas são incapazes de controlá-la por meio de esforço ou artifício. Em “A Bela Adormecida”, é a própria aparência da princesa que motiva a exclusão e, posteriormente, a vingança de Malévola. Em “Rapunzel”, a beleza da menina é tão extraordinária que desencadeia o conflito principal da narrativa, atraindo a cobiça da figura feminina que assumirá o papel de antagonista. Em todas essas histórias, a vilã não se move por rivalidade

política, ciúme amoroso ou ambição social. O que a movimenta é a disputa estética, tratada como questão de poder e controle.

Nesse sentido, Mãe Gothel, em “Enrolados”, recupera com precisão os elementos tradicionais da vilania feminina nos contos de fadas. Gothel não busca o trono, a riqueza ou a glória. Seu único objetivo é a manutenção da beleza e da juventude. Para isso, ela sequestra Rapunzel ainda bebê, arrancando-a dos braços dos pais e confinando-a por toda a vida em uma torre. O sequestro da criança, conforme aponta Cristina Bacamarte (2018), não surge como violência gratuita, mas como resultado direto da lógica dos contos: se a beleza é fonte de poder, a vilã buscará controlá-la, mesmo que isso implique violar vínculos familiares, éticos e afetivos.

Em Gothel, a busca pela beleza não se restringe ao desejo, mas torna-se prática cotidiana, sustentada por manipulação psicológica, mentira e vigilância constante. A personagem instrumentaliza sua aparência para controlar Rapunzel, utiliza a própria imagem para seduzir ou enganar personagens masculinos ao longo da narrativa e mobiliza artifícios estéticos como prova de sua superioridade simbólica. Warner (1994) destaca que esse tipo de representação transforma a vilã em figura associada ao artifício, ao exagero e à falsidade, elementos tradicionalmente usados para diferenciar a “boa feminilidade” da “má feminilidade” nos contos.

Ao contrário de Rapunzel, cuja beleza se associa à bondade, Gothel expressa um desejo ativo e consciente de usufruir dessa beleza como forma de poder. Esse gesto, segundo Karen Rowe (1979), é fundamental para a estrutura ideológica dos contos, que punem personagens femininas que reivindicam para si recursos simbólicos que deveriam ser passivos ou naturais. Gothel, assim como a Rainha Má, Malévola e outras vilãs clássicas, é punida não porque deseja ser bela, mas porque decide agir para manter esse ideal, e porque submete outras personagens a esse processo. Em termos narrativos, o mal não está na estética, mas no movimento em direção a ela.

Dessa forma, a estética da vilania nos contos de fadas não produz uma oposição entre beleza e feiura. Ela produz uma oposição entre a beleza natural e a beleza desejada, entre a aparência espontânea e o artifício, entre a passividade estética da heroína e a agência estética da vilã. A busca ativa pela beleza é retratada como obsessão, distorção moral e desvio de comportamento, o que revela

um aspecto importante da moralidade dos contos: a mulher que age, deseja e disputa é punida, enquanto a mulher que recebe, espera e aceita é recompensada.

Os contos de fadas resistem ao tempo e às transformações sociais, culturais e tecnológicas devido à sua capacidade de se adaptar e dialogar com as diferentes gerações. Embora originados em contextos históricos muito distantes, essas narrativas continuam presentes na vida contemporânea, seja por meio da literatura infantil, do cinema, da televisão, das adaptações digitais ou mesmo do folclore oral que persiste em diversas comunidades. Por exemplo, histórias como Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel têm sido reinterpretadas em filmes, séries de TV, livros ilustrados e web séries, mantendo sua relevância cultural (Zipes, 2006; Warner, 1994).

A permanência dos contos de fadas na sociedade está relacionada a múltiplos fatores, entre os quais se destacam suas funções socioculturais e comunicacionais. Essas narrativas exercem um papel pedagógico e simbólico que vai além do entretenimento, atuando como veículos de transmissão de valores, normas e ideologias presentes em uma determinada cultura. Conforme apontam estudiosos da comunicação, como Barbero (2009) e McQuail (2012), os contos de fadas funcionam como ferramentas que mediam a construção da identidade social, influenciando a maneira como os indivíduos compreendem seu lugar no mundo e as relações de poder que os cercam. Por exemplo, a narrativa de A Bela Adormecida tradicionalmente reforça o ideal de passividade feminina, enquanto versões contemporâneas, como Malévola (2014), apresentam a princesa e a vilã com trajetórias de agência e autonomia (Zipes, 2006; Valenzuela, 2013).

Sua linguagem simbólica e repetitiva facilita a internalização de modelos comportamentais e papéis sociais, garantindo assim a continuidade de determinados discursos culturais. Dessa forma, a perenidade desses contos se dá pela sua capacidade de adaptar-se e ressignificar-se nos diferentes contextos sociais e midiáticos, mantendo-se relevantes para a formação social e cultural das novas gerações. Por exemplo, séries animadas como *Once Upon a Time* (2011–2018) e adaptações literárias modernas trazem princesas mais proativas, vilãs com motivações complexas e personagens LGBTQIA+, demonstrando como os arquétipos podem ser reinterpretados (Warner, 1994; Valenzuela, 2013).

Além disso, os contos de fadas se renovam e se reinventam a partir de suas diversas adaptações. No século XX e XXI, a indústria cultural, especialmente o cinema e a televisão, têm desempenhado papel central na difusão e recriação dessas histórias. As versões modernas, como as produzidas pelos estúdios Disney, popularizaram personagens e narrativas que se tornaram ícones globais, garantindo o alcance dessas histórias para além das fronteiras culturais e linguísticas originais. Entretanto, essas adaptações frequentemente incorporam mudanças significativas, tanto nos enredos quanto nas representações de gênero, questionando ou reforçando estereótipos tradicionais (Borges et al., 2016).

Outro aspecto fundamental das narrativas culturais, de modo geral, é sua capacidade de atuar como espelho das tensões sociais, culturais e políticas de cada época. No caso específico dos contos de fadas, essa característica manifesta-se de forma particularmente duradoura, permitindo que essas narrativas sejam constantemente atualizadas e ressignificadas conforme os valores e conflitos de seus contextos históricos. Por meio de suas narrativas simbólicas, esses contos refletem valores, normas e conflitos presentes na sociedade, adaptando-se às demandas e sensibilidades do público contemporâneo.

Isso pode ser observado em releituras recentes que buscam desconstruir e problematizar os papéis tradicionais de gênero, raça e classe presentes nas versões clássicas, evidenciando o potencial crítico e transformador dessas narrativas. Por exemplo, filmes como *Frozen* (2013) e *Enrolados* (2010) desafiam a lógica da donzela passiva e mostram protagonistas femininas que tomam decisões ativas sobre seu destino (Valenzuela, 2013; Borges et al., 2016).

No âmbito educacional e cultural, os contos de fadas continuam sendo utilizados como ferramentas para trabalhar questões éticas, emocionais e sociais com crianças e adolescentes. A familiaridade com essas histórias permite a construção de diálogos que envolvem temas como coragem, justiça, solidariedade, enfrentamento do medo, além de promover o estímulo à imaginação e à criatividade. Exemplos incluem oficinas de literatura infantil, teatro escolar e projetos de leitura que utilizam adaptações contemporâneas para discutir diversidade e empoderamento (Zipes, 2006; Valenzuela, 2013).

Por fim, a internet e as redes sociais também colaboram para a circulação e ressignificação dos contos de fadas. Plataformas digitais possibilitam o compartilhamento de versões tradicionais e novas interpretações, além de

produções autorais que reimaginam personagens e enredos, ampliando o alcance e a diversidade dessas narrativas. Produções como fanfics, vídeos no YouTube e animações independentes permitem que jovens reinterpretem personagens clássicos sob perspectivas de gênero, identidade e justiça social (Warner, 1994).

Dessa maneira, a permanência dos contos de fadas na sociedade não se dá apenas pela repetição das histórias antigas, mas pela contínua reelaboração e ressignificação de seus elementos, mantendo-os vivos, relevantes e capazes de dialogar com as complexidades do mundo contemporâneo. Compreender essa dinâmica é fundamental para analisar como as narrativas tradicionais e suas adaptações atuais, como o filme *Enrolados* (2010), continuam a influenciar percepções e representações, especialmente no que diz respeito à construção do feminino e da vilania.

3. A ARQUITETURA SIMBÓLICA DO FEMININO NOS CONTOS DE FADAS

Este capítulo dedica-se à análise da arquitetura simbólica do feminino nos contos de fadas, buscando compreender de que modo essas narrativas constroem, sustentam e atualizam representações sobre a mulher ao longo do tempo. Parte-se da articulação entre beleza, juventude, moralidade e poder como elementos centrais na configuração das personagens femininas, especialmente aquelas associadas à vilania. Ao longo do capítulo, discute-se a construção histórica do ideal de beleza, sua relação com expectativas sociais e de gênero e sua função simbólica nos contos tradicionais, evidenciando como esses discursos contribuem para a naturalização de estereótipos e para a organização de papéis femininos nas narrativas maravilhosas.

3.1 A construção histórica do ideal de beleza

O ideal de beleza é uma construção cultural que acompanha transformações sociais, políticas, simbólicas e econômicas. Ao contrário da ideia de um padrão universal ou atemporal, a noção de beleza, especialmente a feminina, foi sendo moldada historicamente por discursos de poder, ideologias dominantes e expectativas sociais. Como observa Umberto Eco (2004), cada época constrói seu próprio ideal de beleza, que reflete os valores e medos de seu tempo. No caso das mulheres, esses ideais sempre vieram acompanhados de normas morais e comportamentais, transformando o corpo feminino em um campo de controle e vigilância simbólica.

Durante a Antiguidade Clássica, a beleza era vinculada à harmonia, proporção e fertilidade, mas o corpo feminino já era entendido como um território a ser regulado. Com o advento do cristianismo, essa perspectiva se intensifica: a mulher bela passa a representar, simultaneamente, pureza e tentação. O corpo, visto como caminho para o pecado, precisa ser ocultado, disciplinado. É nesse contexto que a beleza passa a ser um valor ambíguo, exaltado e condenado ao mesmo tempo.

Com o Renascimento, há uma revalorização do corpo como objeto estético. No entanto, como aponta Luciana Borges et al. (2016), essa beleza é idealizada a partir do olhar masculino: a mulher deve ser bela, mas silenciosa; deve agradar, mas não desejar; deve ser vista, mas não se afirmar como sujeito. Esse modelo de beleza branca, jovem, submissa e magra foi sendo consolidado e reafirmado ao longo dos séculos por diferentes meios culturais, inclusive pelas narrativas tradicionais como os contos de fadas.

Nos contos de fadas, a beleza frequentemente funciona como um marcador simbólico de virtude, enquanto a feiura ou sinais de envelhecimento são associados ao mal, à inveja ou à transgressão das normas sociais. Personagens como Branca de Neve, Cinderela e Aurora são construídas como jovens e belas, reforçando a associação cultural entre aparência e valor moral. Essa lógica narrativa, segundo autores como Larissa Rocha (2016) e Marina Warner (1995), contribui para a consolidação de estereótipos de gênero, na medida em que determina quais características femininas são valorizadas ou punidas dentro da história.

Na estrutura dos contos maravilhosos, conforme analisado por Vladimir Propp (1984), as personagens femininas frequentemente se restringem a dois papéis principais: o de prêmio, representado pela princesa a ser conquistada, e o de oposição, encarnado pela vilã a ser derrotada. Mesmo quando a heroína demonstra agência ou iniciativa em versões mais contemporâneas, a narrativa ainda privilegia a beleza como requisito central: a jovem é digna de amor ou salvação apenas se se enquadrar nesse ideal, enquanto a mulher que desafia esse padrão é associada à vilania, ao egoísmo ou à perversão. Essa lógica simbólica reflete, conforme Naomi Wolf (1991), uma construção sociopolítica histórica, na qual a valorização da juventude e da aparência feminina funciona como mecanismo de controle social, delimitando os parâmetros de comportamento, autonomia e poder permitidos às mulheres.

Naomi Wolf (1991), em sua obra *O Mito da Beleza*, oferece uma análise detalhada dessa lógica, abordando-a sob uma perspectiva sócio-histórica e política. Ela discute como a beleza feminina foi historicamente construída como uma forma de controle social, moldando expectativas e comportamentos, e limitando o poder feminino a padrões estéticos que reforçam relações de dominação e exclusão.

Larissa Rocha (2016), ao discutir o embelezamento das vilãs em produções televisivas brasileiras, afirma que a estética da vilania feminina está diretamente relacionada ao tensionamento desses ideais. As vilãs podem ser belas, mas sua beleza é quase sempre entendida como artificial, manipuladora ou sedutora. Elas ameaçam o ideal da feminilidade submissa por meio do uso estratégico da aparência, do poder e do discurso.

Nos contos clássicos e nas versões cinematográficas, como nas produções da Disney, a construção do ideal de beleza segue a mesma lógica: a beleza é sinônimo de virtude e passividade, enquanto o envelhecimento e a não conformidade são estigmatizados. A personagem Mãe Gothel, por exemplo, em "Enrolados" (2010), representa esse deslocamento: uma mulher que busca manter sua juventude e beleza eternamente, desafiando o envelhecimento e as normas de submissão. Como punição, ela é retratada como narcisista, controladora e perigosa, uma ameaça à protagonista jovem e inocente que ocupa o lugar de "verdadeira" beleza e bondade.

A imposição histórica de um padrão de beleza se torna, portanto, um dispositivo de controle simbólico. Como propõe Heloisa Buarque de Hollanda (2019), os discursos sobre o corpo feminino são instrumentos fundamentais na manutenção da ordem patriarcal, pois limitam as possibilidades de existência da mulher fora dos modelos de domesticidade, docilidade e aceitação. A beleza deixa de ser apenas um atributo desejável para se tornar uma obrigação moral: a mulher que não corresponde ao ideal é punida ou excluída, seja na realidade ou nas narrativas ficcionais.

Assim, o ideal de beleza, longe de ser um mero detalhe estético, é parte essencial da construção simbólica das personagens femininas. Ele define quem é a merecedora de amor, quem pode ser a salva, quem é a perigosa e quem deve ser a destruída. A análise da beleza como instrumento de vilanização é, portanto, central para compreender a lógica narrativa dos contos de fadas e os padrões de gênero que continuam a influenciar a cultura contemporânea.

A associação entre beleza, juventude e poder nas personagens femininas é uma das estruturas simbólicas mais recorrentes nas narrativas dos contos de fadas. Esses elementos não operam de forma isolada: juntos, constroem uma lógica cultural que delimita os espaços permitidos para as mulheres dentro das histórias e, por consequência, na sociedade. Ao mesmo tempo em que a beleza e a juventude são atributos desejados, elas também se tornam exigências para que a mulher seja valorizada e digna de atenção, reconhecimento e afeto. Essa relação complexa é constantemente reproduzida e reforçada por meio de narrativas tradicionais, como observam estudiosas da cultura e dos estudos de gênero. Conforme analisa Naomi Wolf (1991), a cultura contemporânea transformou a beleza em um ideal normativo, um instrumento de controle que impõe às mulheres a necessidade constante de corresponder a padrões inatingíveis de aparência e comportamento.

Nos contos clássicos, a juventude e a beleza da heroína funcionam como traços simbólicos centrais, frequentemente associados à virtude e à fragilidade. Personagens como Branca de Neve, Cinderela e Aurora exemplificam esse padrão, sendo recompensadas não por sua aparência em si, mas por suas qualidades morais, a bondade, a obediência e a pureza, que são simbolicamente representadas pela beleza. Assim, a beleza opera como um reflexo da virtude interior, enquanto a falta dessas virtudes e o excesso de vaidade são usados para marcar a corrupção moral das antagonistas. Essa lógica narrativa reforça a ideia de que a busca pelo embelezamento feminino é um espelho da moralidade feminina, estabelecendo fronteiras claras entre o que é considerado “bom” e “mau” dentro do universo simbólico dos contos de fadas.

Contudo, quando a beleza e a juventude são representadas como ameaçadas ou perdidas, algumas personagens femininas passam a ocupar o lugar da antagonista, como madrastas, bruxas e rainhas más. A Rainha Má de Branca de Neve (1937), por exemplo, transforma o medo do envelhecimento em obsessão pela juventude e pela beleza, o que a conduz à vilania. De modo semelhante, em *A Bela Adormecida* (1959), Malévola (2014) é apresentada como uma mulher poderosa cuja exclusão social e ausência de vínculos afetivos a colocam na posição de inimiga. Essas figuras são quase sempre mulheres mais velhas, com sinais do tempo, e muitas vezes associadas ao desejo de preservar ou recuperar a juventude perdida.

A personagem Mãe Gothel, do filme *Enrolados* (2010), ilustra com clareza essa lógica. Ela mantém a juventude artificialmente, explorando o poder mágico do

cabelo de Rapunzel, que é jovem, ingênua e naturalmente bela. Gothel não apenas busca a juventude: ela a aprisiona. O desejo de manter-se jovem, frequentemente atribuído às personagens femininas mais velhas, é apresentado como força motriz de suas ações, ainda que essas atitudes sejam moralmente condenáveis. Tal construção, contudo, revela a limitação interpretativa imposta às figuras femininas, uma vez que reduz sua complexidade psicológica e social à busca pela beleza e à negação do envelhecimento, reforçando estereótipos de gênero que associam o valor da mulher à aparência e à juventude.

Esse movimento narrativo evidencia que, nas histórias dos contos de fadas, o valor e a aceitação das personagens femininas não estão vinculados à juventude ou à beleza em si, mas à bondade, à pureza e à virtude moral. As heroínas são recompensadas por sua generosidade e inocência, enquanto as vilãs são punidas por agirem movidas pelo desejo de possuir aquilo que não lhes pertence, seja a beleza, a juventude ou, de forma simbólica, a própria bondade das protagonistas. A busca obsessiva pela aparência e pela vaidade transforma essas figuras em ameaças à ordem moral da narrativa, pois elas representam a corrupção do ideal feminino virtuoso. A Rainha Má, ao desejar ser “a mais bela de todas”, e Mãe Gothel, ao aprisionar Rapunzel para manter-se jovem, encarnam esse desvio ético: ambas transformam a beleza em instrumento de poder e, ao fazê-lo, rompem com o modelo de feminilidade pautado na abnegação e no altruísmo.

Como observa Luciana Borges et al. (2016), o corpo e o comportamento femininos são constantemente avaliados segundo parâmetros morais, e qualquer uso da beleza que ultrapasse o limite do recato e da modéstia é narrativamente castigado. Assim, a vilania feminina é construída como metáfora da corrupção moral, em que o desejo de ser bela se converte em sinal de egoísmo e transgressão.

Nas narrativas dos contos de fadas, as personagens vilãs são frequentemente retratadas sob uma ótica que reduz sua complexidade à vaidade. Suas motivações são quase sempre associadas à busca pela beleza, pela juventude ou pela superioridade estética em relação à heroína, o que transforma sua existência em uma disputa superficial e individualizada. A Rainha Má de Branca de Neve (1937), obcecada pelo espelho e pelo reconhecimento da própria beleza, e Mãe Gothel, em Enrolados (2010), que se alimenta da juventude de Rapunzel para manter-se jovem, exemplificam essa lógica narrativa. Ao restringir o desejo e o poder dessas mulheres ao campo da aparência, as histórias neutralizam qualquer possibilidade de

interpretação política ou simbólica mais ampla de suas ações, como o desejo por autonomia, controle ou liberdade. Assim, o antagonismo feminino é despolitizado e convertido em vaidade. Esse processo, como analisam Larissa Rocha (2016) e Naomi Wolf (1991), funciona como um mecanismo cultural de disciplina sobre o corpo e o comportamento femininos, mantendo a vilania associada à aparência e esvaziando sua potência crítica dentro da narrativa.

A figura da vilã nos contos de fadas ocupa um papel central na estrutura narrativa e simbólica dessas histórias. Mais do que simples antagonistas, essas personagens representam uma ruptura com o modelo idealizado de feminilidade, aquele construído historicamente em torno da docilidade, da pureza e da submissão. Conforme analisa Simone de Beauvoir (1949), a mulher é moldada culturalmente para ser o “outro” em relação ao homem, devendo corresponder a um ideal de virtude e passividade.

Nas narrativas clássicas, é comum que as vilãs sejam retratadas como mulheres mais velhas, madrastas, bruxas ou rainhas, o que introduz uma dimensão simbólica relacionada ao medo da velhice feminina. Susan Sontag (1972) observa que o envelhecimento da mulher é culturalmente tratado como uma forma de invisibilidade, enquanto o envelhecimento masculino é frequentemente associado à sabedoria e prestígio. Naomi Wolf (1991) complementa essa perspectiva ao apontar que a cultura ocidental transformou a juventude em um “capital simbólico” feminino, reforçando a ideia de que a mulher perde relevância social à medida que envelhece. Dessa forma, a vilania feminina é construída a partir da recusa desse apagamento: a mulher que desafia a passagem do tempo e tenta conservar artificialmente sua juventude torna-se uma ameaça à ordem simbólica.

O exemplo da madrasta é emblemático nesse processo. Ela ocupa um espaço deslocado: não é a mãe biológica, mas tenta exercer autoridade, rompendo com o ideal de maternidade abnegada e amorosa. Essa figura é retratada como invejosa e cruel, como ocorre em Branca de Neve, Cinderela e Rapunzel. Bettelheim (1980) argumenta que o uso da madrasta, e não da mãe, é uma estratégia narrativa que protege a imagem materna, transferindo a agressividade e o ressentimento a uma figura “imprópria”. No entanto, essas personagens são apresentadas como mulheres que escolhem o caminho da inveja e da vaidade, traindo os princípios de bondade e pureza que conferem virtude às protagonistas.

A relação entre beleza e vilania é outro elemento recorrente. Mesmo quando são belas, as vilãs o são de forma ameaçadora e artificial, uma beleza que engana, seduz e destrói. Diferentemente das heroínas, cuja beleza está associada à bondade, a das vilãs é marcada pelo excesso e pela manipulação. Essa estética perigosa manifesta-se em personagens como a Rainha Má, que deseja ser a mais bela de todas, ou Mãe Gothel, em *Enrolados* (2010), que recorre à beleza e à sedução para enganar personagens masculinos e garantir sua própria sobrevivência. Gothel sequestra Rapunzel ainda bebê, arrancando-a dos braços dos pais para usufruir do poder mágico dos cabelos da criança: um gesto que simboliza o roubo da juventude e da pureza em sua forma mais literal. Ao aprisionar a jovem em uma torre, Gothel não apenas controla o corpo de Rapunzel, mas tenta apropriar-se de sua essência vital, transformando o amor e o cuidado materno em posse e exploração.

Sua vilania, portanto, não é mero reflexo das imposições sociais sobre o feminino, mas resultado da escolha consciente de ceder à vaidade e ao medo da decadência. Gothel representa a mulher que transforma a beleza em instrumento de poder, e o poder em dominação. O que ela busca, na juventude eterna, é precisamente o que a narrativa nega a qualquer mulher que subverta a moral da virtude e da humildade. A verdadeira beleza, nesses contos, não é a aparência física, mas o reflexo da bondade interior; ao tentar roubar essa luz, Gothel torna-se, simbolicamente, um ser vazio, cuja existência depende da energia da outra.

Outro aspecto significativo é a solidão simbólica dessas personagens. As vilãs raramente mantêm laços afetivos genuínos; sua busca por controle e poder as isola social e emocionalmente. Em contraste, as heroínas são recompensadas com amor, aceitação e um final feliz, reforçando o ideal de que a virtude feminina está na pureza e na renúncia. Como observa Heloisa Buarque de Hollanda (2019), essas representações funcionam como um mecanismo de controle simbólico sobre o corpo e o desejo das mulheres: a autonomia é apresentada como caminho para a marginalização e a punição.

Em síntese, as vilãs dos contos de fadas condensam o conflito entre a aparência e a moral. São mulheres que, ao buscarem a beleza e o poder como meios de afirmação, perdem aquilo que lhes conferiria verdadeiro valor: a bondade. Sua decadência moral é a punição narrativa que reafirma o ideal tradicional de feminilidade: aquele que associa a virtude à pureza e à aceitação dos limites. Assim,

a vilania feminina funciona como advertência simbólica, um espelho distorcido da condição da mulher, refletindo tanto os anseios quanto os temores que a cultura projeta sobre o feminino.

3.3 Estereótipos femininos

Os estereótipos são construções simbólicas que condensam expectativas sociais sobre determinados grupos, reduzindo identidades complexas a modelos fixos, simplificados e limitadores. Essa simplificação é uma forma de categorização social que, conforme Stuart Hall (1997), atua na produção e reprodução de significados culturais e identitários, influenciando a percepção e o tratamento das pessoas em diferentes contextos. Além disso, Goffman (1974) aponta que os estereótipos funcionam como mecanismos de rotulação social, criando expectativas normativas que restringem as possibilidades de expressão e comportamento dos indivíduos. Assim, os estereótipos não são apenas representações neutras, mas carregam poder simbólico e político na manutenção de relações desiguais.

Nos contos de fadas, as construções estereotipadas costumam se organizar em torno de dois polos principais; o “herói” e o “antagonista”. De um lado, a princesa dócil, bela, jovem, altruísta e silenciosa, cuja virtude essencial é a obediência; de outro, a madrasta ou bruxa, vaidosa, ambiciosa, envelhecida, que ousa exercer poder fora do matrimônio ou da maternidade. Essa clivagem reflete normas culturais e expectativas sociais sobre o feminino, reforçando uma visão reducionista da mulher: ou pura e submissa, ou perigosa e condenável (Rocha, 2016; Hollanda, 2019). Do ponto de vista estrutural, Vladimir Propp (1984) demonstra como a narrativa fortalece esse binarismo ao atribuir às personagens femininas papéis fixos de “prêmio” ou “oposição”, vinculando sua função na história à manutenção de normas sociais e narrativas tradicionais.

Larissa Rocha (2016) demonstra que a cultura televisiva brasileira recicla esses modelos, criando vilãs “lindas, loiras e poderosas”, cuja beleza luxuosa é apresentada como máscara de perversidade. O efeito, contudo, não se limita à ficção: projeta-se sobre o imaginário social, atribuindo conotações morais a caracteres físicos e perpetuando a associação entre aparência e valor ético. Essa estética da vilania reforça a ideia de que atributos como ambição, autoridade ou desejo sexual, quando assumidos por mulheres, são intrinsecamente negativos: uma premissa que confina a agência feminina a moldes passivos ou decorativos.

Além da dicotomia heroína/vilã, outros estereótipos femininos derivam dessa matriz binária. A “dama em apuros”, por exemplo, reforça a dependência da mulher em relação ao herói salvador, legitimando estruturas patriarcais de proteção e controle. A “rival invejosa” reproduz a noção de competição feminina centrada na disputa por beleza e aprovação masculina. Já a “sedutora perigosa”, variante adulta da bruxa juvenil, mobiliza o medo da sexualidade feminina autônoma, estigmatizando o desejo como arma de corrupção moral. Esses modelos ecoam o ideal de beleza discutido por Umberto Eco (2004), segundo o qual o corpo feminino, ao mesmo tempo objeto de admiração e de vigilância, deve permanecer dentro de padrões estéticos estanques para ser socialmente validado.

Os estereótipos ainda se articulam com recortes de classe, raça e geração. Luciana Borges et al. (2016) sublinham que “problemas de gênero” não podem ser dissociados de desigualdades interseccionais: mulheres negras, pobres ou idosas raramente ocupam o espaço da “princesa”, sendo empurradas para papéis auxiliares ou negativos. A matização da vilania feminina, portanto, revela que a beleza valorizada é, majoritariamente, branca, jovem e heteronormativa, enquanto outras corporalidades são relegadas à alteridade ameaçadora ou à invisibilidade.

Heloisa Buarque de Hollanda (2019) argumenta que o feminismo contemporâneo exerce função crítica fundamental ao desnaturalizar esses estereótipos, propondo novas categorias que comportem pluralidade de experiências. Autoras feministas evidenciam que a permanência de tais modelos não deriva de “naturezas” femininas, mas de processos históricos de dominação, como lembra Walter Benjamin (2013) ao discutir a reprodutibilidade técnica da arte: as imagens, quando massificadas, tornam-se instrumentos de hegemonia cultural. Martin-Barbero (2009) complementa, indicando que a circulação transnacional de conteúdos midiáticos atualiza velhos arquétipos sob novas linguagens, mantendo, contudo, a mesma função disciplinadora dos corpos e desejos femininos.

Diante desse panorama, perceber e nomear estereótipos é um passo imprescindível para subvertê-los. A crítica acadêmica e artística tem buscado reescrever contos, produzir narrativas que conferem complexidade às personagens femininas e questionar o vínculo entre aparência, moralidade e destino. Entretanto, a força dos modelos clássicos ainda influencia ampla parcela da produção cultural, do cinema à publicidade, sugerindo que a transformação simbólica é processo contínuo e disputado.

Em síntese, os estereótipos femininos nos contos de fadas operam como dispositivos de controle social, limitando o imaginário sobre o que as mulheres podem ser e desejar. Ao reduzir a diversidade feminina a figuras cristalizadas, tais narrativas legitimam hierarquias de gênero que privilegiam juventude, beleza normativa e passividade. Para além de reconhecer esses padrões, é necessário desestabilizá-los por meio de leituras críticas e produções culturais que ampliem o espectro de representação do feminino, abrindo espaço para identidades plurais, complexas e emancipadoras.

4. A CONSTRUÇÃO DA FACE FEMININA DO MAL NO FILME ENROLADOS

Este capítulo dedica-se à análise da construção da vilania feminina no filme *Enrolados* (2010), com foco na personagem Mãe Gothel. A partir da articulação entre análise de representação e análise formal, busca-se compreender como a narrativa audiovisual ressignifica atributos tradicionalmente associados ao feminino: como beleza, cuidado e sedução, transformando-os em instrumentos de controle, ameaça e poder. O capítulo examina de que modo elementos estéticos, narrativos e simbólicos contribuem para a consolidação da figura da vilã, evidenciando as permanências e atualizações dos estereótipos femininos presentes nos contos de fadas em sua adaptação para o cinema de animação contemporâneo.

4.1 Contextualização do filme *Enrolados*

Lançado em 2010, o filme *Enrolados* (*Tangled*) integra o conjunto das animações clássicas produzidas pelos estúdios Disney e apresenta uma adaptação moderna do conto tradicional de Rapunzel, originalmente registrado pelos Irmãos Grimm. Dirigido por Nathan Greno e Byron Howard, o filme possui aproximadamente 100 minutos de duração e combina elementos narrativos do conto de fadas com recursos contemporâneos da animação digital e do musical.

A narrativa acompanha a trajetória de Rapunzel, uma jovem princesa mantida em isolamento por Mãe Gothel, personagem que assume o papel de antagonista da história. Diferentemente das vilãs tradicionais associadas exclusivamente à feiura ou à monstruosidade, Gothel é construída como uma mulher que mobiliza atributos historicamente associados ao feminino, como o cuidado, a sedução e a vaidade,

como estratégias de controle e dominação. Essa complexidade torna a personagem central para a análise da vilania feminina proposta neste trabalho.

Para a realização da análise, o filme foi assistido integralmente em diferentes momentos da pesquisa, permitindo uma aproximação gradual e aprofundada do objeto. A partir dessas visualizações, foram selecionadas cenas específicas que evidenciam a construção simbólica de Mãe Gothel, especialmente aquelas que articulam visualmente os contrastes entre juventude e envelhecimento, luz e sombra, proteção e opressão, bem como as interações diretas entre Gothel e Rapunzel.

A análise das imagens fundamenta-se na abordagem proposta por André Melo Mendes, cuja reflexão sobre a linguagem audiovisual possibilita compreender o cinema como um sistema de significação construído por escolhas formais. A partir dessa perspectiva, elementos como enquadramento, iluminação, expressões corporais e organização do espaço são entendidos como componentes ativos na produção de sentido. Tal abordagem mostra-se adequada ao objetivo deste trabalho, pois permite observar como a vilania feminina é estruturada visualmente, indo além da narrativa verbal e revelando a dimensão simbólica das imagens.

As cenas selecionadas concentram-se, sobretudo, em momentos de interação direta entre Mãe Gothel e Rapunzel, especialmente nas sequências de diálogo, nas passagens em que Gothel canta ou observa o próprio reflexo. A Figura 1, localizada na minutagem 10:46, evidencia momentos em que a aparência física e a postura corporal da personagem se alteram em função de sua proximidade ou afastamento do poder mágico representado pelos cabelos de Rapunzel. Já a Figura 2, situada na minutagem 4:30, apresenta a cena em que Gothel escova os cabelos de Rapunzel, configurando um momento aparentemente afetuoso entre as duas e operando como um contraponto simbólico às cenas de tonalidade sombria.

As Figuras 3 e 4, correspondentes às minutagens 2:28 e 2:37, respectivamente, reforçam essa dinâmica ao evidenciar as transformações físicas e corporais da personagem conforme sua relação com o poder mágico é tensionada. Inclui-se ainda a Figura 5, referente ao minuto 2:54, na qual a personagem se mantém oculta, reforçando sua construção narrativa como vilã manipuladora.

A figura 1 apresenta Rapunzel e Mãe Gothel diante de um espelho, com a vilã posicionada atrás da jovem, envolvendo-a com o corpo e guiando seu olhar. A composição visual reforça a relação de controle e vigilância exercida por Gothel, que se coloca como mediadora da percepção que Rapunzel tem de si mesma. O espelho

funciona como elemento simbólico da construção identitária e da autoimagem, enquanto a posição hierárquica das personagens evidencia a assimetria de poder entre elas. A proximidade física, associada ao enquadramento fechado, sugere uma intimidade forçada, marcada pela dominação e pela manipulação emocional.

Na figura 2, Mãe Gothel escova os cabelos de Rapunzel em um gesto que, à primeira vista, remete ao cuidado materno. No entanto, o enquadramento em meia-luz e a postura corporal da vilã transformam o ato em um símbolo de apropriação e controle. Os cabelos de Rapunzel, fonte do poder mágico, são tratados como objeto de posse, reforçando a relação utilitária estabelecida por Gothel. A cena evidencia como práticas associadas ao afeto e à feminilidade são ressignificadas como mecanismos de dominação, articulando beleza, cuidado e poder.

A figura 3 retrata Mãe Gothel manipulando a energia luminosa associada ao poder de rejuvenescimento. A iluminação contrastante destaca seu rosto e suas mãos, enfatizando a centralidade do desejo pela juventude e pela preservação da beleza. A expressão facial da personagem revela satisfação e intensidade emocional, associando o poder mágico a uma experiência de prazer e controle. Visualmente, a cena constrói a vilania feminina a partir da relação entre vaidade, ambição e transgressão moral.

Na figura 4, Gothel aparece rejuvenescida, com traços suavizados e expressão serena. A composição enfatiza a transformação corporal como recompensa simbólica pelo uso do poder mágico, associando juventude à vitalidade e à aceitação social. O brilho da luz e o enquadramento favorecem a idealização momentânea da personagem, evidenciando como a narrativa associa valor, desejo e poder à aparência jovem, ao mesmo tempo em que denuncia a artificialidade e a fragilidade dessa conquista.

A figura 5 apresenta Gothel parcialmente oculta pelas sombras, com o rosto marcado por uma expressão de tensão e desconfiança. O uso da baixa iluminação e do enquadramento fechado constrói uma atmosfera de ameaça e segredo, reforçando a associação da vilã ao ocultamento e à dissimulação. Visualmente, a personagem é afastada da luz, elemento recorrente na representação do bem, o que simboliza sua posição moral na narrativa e antecipa o conflito entre aparência e essência que atravessa sua construção simbólica.



FIGURA 1 - Rapunzel e Mãe Gothel em frente ao espelho, minutagem 10:46.



FIGURA 2 — Mãe Gothel escovando os cabelos de Rapunzel



FIGURA 3 — Gothel idosa, minutagem 2:28.



FIGURA 4 — Gothel rejuvenescida, minutagem 2:37.



FIGURA 5 — Gothel escondida, minutagem 2:54.

A escolha dessas sequências justifica-se por sua relevância narrativa e estética, uma vez que elas condensam os principais elementos formais e simbólicos que sustentam a construção da vilania feminina no filme. Nessas cenas, tornam-se visíveis tanto os recursos audiovisuais, como iluminação, enquadramento, composição visual e atuação, quanto os sentidos representacionais associados à feminilidade, à beleza e ao poder, centrais para a análise proposta neste estudo.

Apesar de o estúdio promover uma proposta de modernização da figura da princesa, a obra ainda conserva muitos dos elementos arquetípicos e simbólicos característicos das versões clássicas dos contos de fadas. Segundo Vladimir Propp (1984), esses contos são organizados a partir de estruturas narrativas fixas compostas por funções recorrentes e personagens-tipo, como a donzela, o herói e o vilão. Enrolados se alinha a esse modelo, mantendo a protagonista aprisionada em uma torre, o herói que a liberta e a vilã que impede a concretização da autonomia

feminina. Esses papéis narrativos tradicionais são ressignificados na adaptação, mas não rompem completamente com os estereótipos construídos historicamente, principalmente no que diz respeito à representação das personagens femininas.

Do ponto de vista da construção ficcional, *Enrolados* opera com uma narrativa de desenvolvimento, ou uma narrativa de amadurecimento, centrada no desejo de Rapunzel de compreender sua origem e conquistar autonomia. Essa estrutura não está presente com a mesma intensidade no conto original, que é mais estático e moralizante; o filme, ao contrário, investe na formação subjetiva da protagonista, enfatizando conflitos internos, dúvidas, hesitações e conquistas emocionais. A jornada de Rapunzel é organizada segundo o modelo do Arco Transformacional, em que a personagem inicia a narrativa em estado de ignorância e dependência, atravessa um processo de descoberta e, por fim, alcança agência e autodeterminação.

Essa dinâmica é intensificada pela presença da antagonista Mãe Gothel, cuja função narrativa ultrapassa o papel de simples vilã. Em termos narratológicos, Gothel cumpre o papel de força oposicional complexa, pois sua presença não é apenas externa ao percurso da heroína, ela é constitutiva da formação psicológica de Rapunzel. Seu antagonismo se organiza pela manipulação emocional e por um regime afetivo que simula cuidado, criando uma relação de dependência que organiza toda a primeira parte do filme. Assim, o conflito narrativo não é apenas físico, mas simbólico, envolvendo a disputa por identidade, autonomia e verdade.

Além disso, a narrativa se estrutura de modo a enfatizar o contraste entre dois espaços simbólicos: A torre, como lugar da clausura, da disciplina e da vigilância emocional e o mundo exterior, como campo de descoberta, perigo e expansão subjetiva.

Esse binômio ecoa leituras foucaultianas sobre dispositivos de controle, sobretudo o conceito de “tecnologias disciplinares” (Foucault, 1975), uma vez que a torre é representada não como prisão física, mas como extensão do poder psicológico de Gothel. A vigilância que regula Rapunzel opera mais pela internalização do medo do que pela presença constante da antagonista.

No plano narrativo, a obra também se inscreve na tendência das animações contemporâneas de promover personagens femininas mais ativas e psicologicamente complexas. Rapunzel não é apenas objeto da ação da vilã, mas agente de sua própria transformação. Essa ênfase na subjetividade feminina desloca

o eixo tradicional dos contos clássicos, que frequentemente restringiam a agência das heroínas. Nessa perspectiva, *Enrolados* pode ser compreendido como uma adaptação moderna que busca equilibrar elementos clássicos, como o isolamento, a magia e os arquétipos, com sensibilidades atuais, pautadas na autonomia, no protagonismo e na crítica a relações de poder abusivas.

A caracterização de Mãe Gothel também participa da organização narrativa. Sua entrada em cena, seus movimentos, sua relação com a iluminação e sua presença nas sequências musicais contribuem para a configuração de uma narrativa onde a estética reforça a psicologia. A canção "*Mother Knows Best*", por exemplo, não serve apenas como número musical, mas como recurso narrativo que explicita o modo como a vilã molda a percepção de mundo de Rapunzel. Aqui, a narrativa se articula com o que Bordwell (2008) descreve como estilo motivado psicologicamente, em que escolhas estéticas são funcionalizadas à construção emocional das personagens.

Nesse sentido, a obra utiliza a linguagem visual, enquadramentos fechados, contrastes entre luz quente e luz fria, movimentos de câmera ascendentes e descendentes, para narrar, silenciosamente, o combate simbólico entre repressão e liberdade. A torre, por exemplo, é constantemente iluminada de forma estável, quase estática, enquanto as cenas externas tendem a utilizar movimento e variações de luminosidade como marcas da transformação narrativa.

Assim, *Enrolados* conforma uma estrutura que combina tradição mítica, narrativa heroica e crítica às dinâmicas de poder que permeiam relações afetivas. A inserção de Gothel como figura materna manipuladora dá ao filme uma profundidade simbólica que dialoga com o imaginário dos contos de fadas e, simultaneamente, com debates contemporâneos sobre autonomia feminina e violência psicológica.

O conto de Rapunzel, em suas origens, remete à tradição de contos maravilhosos que operam com símbolos relacionados à sexualidade, à passagem para a vida adulta e ao controle da mulher por figuras autoritárias. Bruno Bettelheim (1976), em sua análise dos contos de fadas, destaca que a torre, onde a personagem é mantida reclusa, representa tanto a proteção quanto a repressão da sexualidade e da liberdade feminina. Em *Enrolados*, essa simbologia permanece, mas é envolta por uma estética leve e lúdica que camufla a violência simbólica presente na narrativa: Rapunzel, embora pareça livre dentro da torre, é

constantemente vigiada e manipulada por Mãe Gothel, que se apropria de sua juventude e de seu poder mágico para manter sua própria juventude.

O próprio contexto de produção da obra revela a tentativa da Disney de adaptar suas heroínas às demandas contemporâneas por representações femininas mais autônomas. Rapunzel, diferente das princesas clássicas como Branca de Neve ou Aurora, demonstra curiosidade, criatividade e desejo de explorar o mundo além da torre. No entanto, sua aparência física, comportamento gentil e doçura emocional permanecem dentro dos moldes do ideal de feminilidade historicamente construído. Como observa Umberto Eco (2004), os padrões de beleza não são apenas construções culturais, mas também mecanismos de poder que determinam quem é digno de reconhecimento, afeto e salvação nas narrativas e na vida social.

A representação de Rapunzel ainda responde a uma lógica simbólica na qual a juventude e a beleza são atributos centrais da heroína. O poder mágico que reside em seus cabelos está diretamente ligado à sua aparência e à sua capacidade de cura e renovação, o que reforça a ideia de que o corpo feminino é valioso enquanto jovem e útil para os outros. A vilania, nesse caso, não decorre apenas das ações da personagem, mas do fato de ela desafiar o lugar reservado à mulher envelhecida na sociedade: o da invisibilidade e da renúncia.

A relação entre Rapunzel e Mãe Gothel, portanto, sintetiza a oposição simbólica entre duas representações femininas clássicas nos contos de fadas: a jovem bela e passiva versus a mulher madura, controladora e perigosa. Como observa Larissa Rocha (2016), as vilãs das narrativas audiovisuais das telenovelas muitas vezes são embelezadas, mas esse embelezamento é marcado pela artificialidade e pelo excesso, como forma de representar a perversão do ideal de beleza. Em *Enrolados*, Gothel é vaidosa, sedutora, calculista e manipuladora, características que a afastam do modelo feminino virtuoso e a aproximam dos estigmas associados à mulher que exerce poder fora das normas.

Além disso, o filme atualiza a figura do herói masculino: Flynn Rider, embora seja inicialmente apresentado como um ladrão egocêntrico, torna-se gradualmente um aliado e um interesse romântico da protagonista. Apesar disso, a narrativa ainda recorre à lógica da salvação: é o gesto final de sacrifício de Flynn que rompe o ciclo de opressão imposto a Rapunzel, reforçando a ideia de que, mesmo com um protagonismo mais ativo, a heroína continua dependendo do auxílio masculino para alcançar sua liberdade plena. Essa dinâmica, como discutem Luciana Borges et al.

(2016), evidencia como as representações femininas nas narrativas populares ainda enfrentam dificuldades em se desvincular completamente dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres.

A escolha de analisar *Enrolados* neste trabalho justifica-se não apenas por sua popularidade e amplo alcance, mas também por dados concretos que atestam seu impacto cultural e comercial. Por exemplo, o filme arrecadou mais de 590 milhões de dólares mundialmente, consolidando-se como uma das maiores bilheterias da Disney em 2010 (Box Office Mojo, 2010). Além disso, *Enrolados* mantém uma forte presença em plataformas de streaming e continua a ser referenciado em discussões sobre adaptações modernas de contos de fadas, evidenciando sua relevância no imaginário popular contemporâneo (Nielsen, 2021). Esses dados indicam que a obra alcançou um público significativo, justificando sua análise como objeto de estudo para compreender as transformações dos arquétipos femininos nas narrativas atuais.

Como destaca Heloisa Buarque de Hollanda (2019), os discursos sobre o feminino que circulam nas produções culturais não apenas refletem o imaginário social, mas também ajudam a moldá-lo e a discipliná-lo. Dessa forma, a contextualização do filme *Enrolados* permite compreender como elementos simbólicos e estéticos herdados da tradição dos contos de fadas continuam presentes nas narrativas audiovisuais contemporâneas, influenciando a forma como o feminino é representado, percebido e reproduzido socialmente. A partir desta análise, os próximos tópicos deste capítulo examinarão com mais profundidade as representações específicas de Rapunzel, Mãe Gothel e a dinâmica de poder entre essas personagens, com ênfase nos estereótipos de beleza, juventude, maternidade e vilania feminina.

A estética atribuída às vilãs de contos de fadas ocupa, historicamente, uma função central na configuração do mal feminino, operando como signo visual e simbólico que articula padrões culturais de gênero. Nas narrativas clássicas, a vilã é frequentemente representada como uma figura cuja identidade é marcada pela tensão entre beleza, sedução e ameaça. Essa lógica se mantém e é ressignificada em adaptações contemporâneas como *Enrolados*, no qual Mãe Gothel personifica a estética da vilania ancorada na busca incessante pela juventude e pela manutenção de uma aparência idealizada.

No contexto dos contos de fadas, a aparência da vilã não é apenas um elemento descritivo; ela funciona como tecnologia narrativa, produzindo sentidos e orientando a interpretação do espectador. Zipes (2012) argumenta que as figuras femininas nesses contos são moldadas por estruturas simbólicas que associam a beleza à pureza e a decadência física à maldade, criando um esquema moral visível. No caso das vilãs, a beleza não confere virtude, mas opera como instrumento de poder, manipulação e domínio. Essa associação aparece de forma explícita em *Enrolados*, onde Gothel utiliza a aparência juvenil como mecanismo de controle e sedução, não apenas da flor mágica, mas da própria Rapunzel e, ocasionalmente, de personagens masculinos ao longo da narrativa.

A construção estética de Mãe Gothel é profundamente vinculada ao artifício. Sua beleza não é natural, mas resultado de um processo forçado e contínuo de manutenção, o que a diferencia das protagonistas, cuja juventude é representada como espontânea, luminosa e moralmente legitimada. Esse contraste retoma o que Warner (1994) descreve como o “paradoxo da feminilidade nos contos de fadas”, em que a vilã é simultaneamente hiper visível, por sua beleza exagerada, e destituída de autenticidade. No filme, esse artifício aparece também na paleta de cores, nos movimentos corporais e na inserção de objetos cênicos que reforçam sua vaidade, como espelhos, tecidos luxuosos e gestos cuidadosamente performados.

A estética de Gothel, portanto, não é apenas visual, mas comportamental. Sua performance incorpora elementos de teatralidade: poses ensaiadas, entonações dramáticas e expressões calculadas. A própria canção *“Mother Knows Best”* apresenta a vilã como figura que domina o espaço cênico, modulando gestos e expressões para manipular emocionalmente Rapunzel. Essa teatralidade pode ser interpretada segundo Mulvey (1975), que discute como a representação feminina na narrativa muitas vezes opera por meio de códigos performativos ligados ao olhar e ao desejo. Em *Enrolados*, a performance da vilã não é destinada ao olhar masculino, mas ao controle psicológico da protagonista, deslocando o eixo da sedução para o eixo da dominação afetiva.

Além disso, a oposição estética entre Gothel e Rapunzel é fundamental para a estrutura narrativa. O brilho natural dos cabelos da princesa representa vitalidade, poder e verdade; a juventude de Gothel, ao contrário, é instável e depende da extração desse brilho. A estética das personagens, portanto, não apenas marca diferenças visuais, mas simboliza diferenças éticas e afetivas. Enquanto Rapunzel é

associada à luz, à organicidade e à espontaneidade, Gothel é relacionada à sombra, ao artifício e ao consumo. Essa dualidade ecoa as análises de Bettelheim (1997), para quem o mal nos contos é frequentemente figurado através de personagens que desejam possuir aquilo que não lhes pertence, rompendo a ordem simbólica que garante equilíbrio ao mundo narrativo.

O filme reforça essa dinâmica em cenas que evidenciam o contraste visual entre as duas personagens. Na imagem em que Rapunzel e Mãe Gothel aparecem lado a lado (Figura 1, minutagem 10:46), a composição enfatiza a oposição entre juventude e envelhecimento, inocência e controle. Enquanto Rapunzel é representada com traços suaves, iluminação mais quente e expressão aberta, Mãe Gothel surge marcada por sombras mais densas, postura rígida e expressão calculada. Esse contraste não apenas diferencia visualmente as personagens, mas também constrói simbolicamente a relação de poder entre elas, associando a juventude à pureza e a maturidade feminina à ameaça e à vilania.

Já nas cenas em que Rapunzel utiliza o poder do cabelo para curar ferimentos ou iluminar ambientes (Como na figura 2, minutagem 4:30), a *mise-en-scène* aposta em luzes quentes e movimentos suaves, enfatizando o caráter vital da protagonista. Essa oposição estética opera como código narrativo, orientando o espectador e fortalecendo o maniqueísmo simbólico que estrutura o conflito.

Por fim, a estética de Gothel articula-se diretamente com a lógica da obsessão que sustenta sua vilania. Sua trajetória não se organiza em torno de uma disputa política ou de um conflito moral amplo, mas da busca incessante por prolongar sua beleza e juventude, convertidas em capital simbólico e fonte de poder. Essa lógica é visualmente evidenciada na cena em que a personagem interage com a flor mágica (Figura 3), na qual o contraste entre sua aparência rejuvenescida e sua forma envelhecida explicita o caráter artificial e performativo dessa beleza (Figura 4). A iluminação dramática e a expressão corporal tensa reforçam a ideia de que a manutenção da juventude depende de um esforço contínuo e violento, revelando a fragilidade desse ideal.

Nos contos de fadas, essa associação entre beleza e maldade já se manifesta em personagens como a Rainha Má de Branca de Neve, cuja rivalidade

com a princesa nasce da centralidade do espelho e da valorização da aparência como medida de valor feminino. Enrolados retoma esse arquétipo, mas o atualiza ao enfatizar o artifício e a performatividade como marcas distintivas da vilania feminina, deslocando a beleza de atributo natural para um elemento construído, instável e moralmente suspeito.

Assim, a construção estética de Gothel funciona como um dispositivo narrativo que articula aparência, comportamento e simbolismo, guiando o espectador a reconhecer sua vilania pela lógica da obsessão e do controle. Essa estética, ao mesmo tempo que dialoga com os contos tradicionais, é ressignificada na animação contemporânea por meio de novas técnicas visuais, complexificação psicológica e articulação entre estética e poder.

4.2 Juventude, beleza e vilania feminina: relações de poder entre Rapunzel e Mãe Gothel

Inserido em um contexto de renovação estética e narrativa da animação contemporânea, Enrolados articula elementos tradicionais dos contos de fadas com estratégias próprias do audiovisual digital. A obra retoma a matriz narrativa associada ao conto “Rapunzel”, registrado pelos irmãos Grimm, mas a reconfigura por meio de deslocamentos temáticos, atualização cultural e escolhas estéticas alinhadas às sensibilidades do público contemporâneo. Esse processo aproxima o filme do que Linda Hutcheon (2006) define como prática adaptativa, na qual a adaptação não se limita à reprodução do texto-fonte, mas implica interpretação, recriação e ressignificação das estruturas narrativas originais.

A narrativa acompanha a trajetória de Rapunzel, uma jovem princesa mantida em isolamento por Mãe Gothel, personagem que assume o papel de antagonista da história. Diferentemente das vilãs tradicionais associadas exclusivamente à feiura ou à monstruosidade, Gothel é construída como uma mulher que mobiliza atributos historicamente associados ao feminino, como o cuidado, a sedução e a vaidade, como estratégias de controle e dominação. Essa complexidade torna a personagem central para a análise da vilania feminina proposta neste trabalho.

Para a realização da análise, o filme foi assistido integralmente em diferentes momentos da pesquisa, permitindo uma aproximação gradual e aprofundada do objeto. A partir dessas visualizações, foram selecionadas cenas específicas que evidenciam a construção simbólica de Mãe Gothel, especialmente aquelas que

articulam visualmente os contrastes entre juventude e envelhecimento, luz e sombra, proteção e opressão, bem como as interações diretas entre Gothel e Rapunzel.

As cenas selecionadas concentram-se, sobretudo, em momentos de interação direta entre Mãe Gothel e Rapunzel, como na Figura 1 e na Figura 2 especialmente nas sequências de diálogo, nas passagens em que Gothel canta ou observa o próprio reflexo e nos momentos em que sua aparência física e postura corporal se alteram em função de sua proximidade ou afastamento do poder mágico representado pelos cabelos de Rapunzel, conforme observado nas Figuras 3 e 4, respectivamente. Incluem-se ainda cenas, como na Figura 5 em que a personagem se mantém oculta ou atua de forma dissimulada, reforçando sua condição de vilã manipuladora.

A escolha dessas sequências justifica-se por sua relevância narrativa e estética, uma vez que elas condensam os principais elementos formais e simbólicos que sustentam a construção da vilania feminina no filme. Nessas cenas, tornam-se visíveis tanto os recursos audiovisuais, como iluminação, enquadramento, composição visual e atuação, quanto os sentidos representacionais associados à feminilidade, à beleza e ao poder, centrais para a análise proposta neste estudo.

Apesar de demonstrar coragem e inteligência em diversos momentos, a protagonista ainda depende da presença e da ação de Flynn Rider para alcançar a liberdade plena. É ele quem rompe o ciclo de opressão ao cortar o cabelo de Rapunzel e destruir o poder de Gothel. A libertação da jovem, portanto, não se dá unicamente por sua vontade ou esforço, mas também pela intervenção masculina. Esse gesto reforça, ainda que sutilmente, a ideia de que a autonomia feminina é sempre mediada por figuras masculinas que possuem a legitimidade da ação heroica. Larissa Rocha (2016) aponta que mesmo quando a mulher é retratada como forte, sua força muitas vezes é validada apenas quando serve à redenção do herói ou é conduzida dentro de padrões aceitáveis de beleza e comportamento.

Assim, Rapunzel, embora atualizada, continua presa a um ideal de feminilidade que valoriza a juventude, a beleza normativa, a gentileza e a dependência emocional. Sua construção revela como os contos de fadas, mesmo em suas versões modernas, mantêm códigos simbólicos profundamente arraigados que condicionam o valor da mulher à sua aparência e à sua capacidade de inspirar desejo e proteção. Como afirmam Luciana Borges et al. (2016), é necessário

problematizar essas representações para que outras formas de ser mulher possam emergir nas narrativas e no imaginário social.

Dessa forma, a personagem Rapunzel sintetiza o modelo de princesa contemporânea: mais ativa, mais expressiva, mas ainda profundamente vinculada a ideais estéticos e morais construídos ao longo da história. Sua jornada representa, simbolicamente, a tentativa de rompimento com a passividade imposta ao feminino: uma tentativa que, apesar de significativa, ainda está cercada por limites impostos pelos próprios paradigmas que estruturam os contos de fadas e suas adaptações contemporâneas.

Mãe Gothel, a antagonista do filme *Enrolados* (2010), encarna uma das figuras mais recorrentes nas narrativas dos contos de fadas: a mulher mais velha, vaidosa e manipuladora que representa a transgressão do ideal feminino. Sua construção simbólica reforça uma lógica binária comum nesse tipo de narrativa, em que a mulher jovem e bela é valorizada, enquanto a mulher madura que busca poder e autonomia é punida ou retratada como ameaça. A vilania de Gothel é, portanto, um exemplo claro da associação entre envelhecimento, desejo de controle e perversão do ideal de feminilidade.

Diferentemente das bruxas ou madrastas arquetípicas dos contos clássicos, que frequentemente utilizam a sedução emocional e a manipulação psicológica para exercer poder, Gothel em *Enrolados* incorpora essas características de maneira explícita e simbólica. Ela ocupa o papel de mãe, mas subverte a função protetora ao utilizar a protagonista para manter sua juventude artificial. O cabelo mágico de Rapunzel materializa essa dependência: por meio dele, Gothel rejuvenesce e preserva sua aparência jovem, que na lógica da narrativa é sua principal fonte de valor.

Esse padrão de vilania feminina ligada ao embelezamento exagerado e à vaidade, usada como instrumento de dominação, é discutido por Larissa Rocha (2016), que ressalta a presença recorrente dessas características em vilãs da narrativa televisiva e audiovisual. De modo semelhante, madrastas e vilãs clássicas como a madrasta de *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida* também se valem da sedução e da dissimulação para ocultar suas intenções, um recurso típico do melodrama, em que o antagonista é sedutor até revelar sua verdadeira face. Essa dinâmica evidencia como a vilania feminina é construída em torno da manipulação

da aparência e do afeto, reforçando estereótipos e tensões sociais sobre poder e controle.

A estética da personagem não é gratuita. Sua aparência é marcada por roupas escuras, maquiagem carregada e movimentos teatrais, que a diferenciam visualmente de Rapunzel, construída com uma estética suave, cores claras e expressão corporal delicada. A oposição entre as duas personagens reforça o contraste simbólico entre o bem e o mal, o natural e o artificial, a juventude espontânea e a beleza forjada. Essa oposição, como afirma Umberto Eco (2004), reflete a forma como o corpo feminino é representado na cultura ocidental: como objeto a ser controlado, avaliado e disciplinado conforme critérios de moralidade e aparência.

Além disso, Gothel representa uma mulher que não apenas deseja manter a juventude, mas também recusa os papéis tradicionais de maternidade e renúncia. Ela não cuida de Rapunzel por amor, mas por interesse; não se coloca como mentora, mas como usurpadora. Essa inversão do papel materno é comum nas vilãs dos contos de fadas. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda (2019), figuras femininas que assumem papéis de autoridade ou de cuidado podem ser representadas como ameaças à autonomia de outras mulheres, especialmente quando se desviam dos padrões tradicionais de docilidade e maternidade. Gothel, nesse sentido, simboliza medos sociais relacionados à transgressão feminina, o desejo de poder, controle ou preservação da própria juventude, funcionando como um alerta cultural sobre os limites impostos à mulher. Sua vilania está, portanto, intrinsecamente ligada à negação do envelhecimento e à violação de normas de comportamento esperadas para mulheres na tradição narrativa ocidental (Rocha, 2016).

Entretanto, é importante notar que sua vilania está intrinsecamente ligada à negação do envelhecimento. O envelhecer, para mulheres como Gothel, é retratado como perda de valor, de poder e de relevância. Ela é incapaz de aceitar a passagem do tempo e faz uso da juventude alheia para manter a própria imagem. Essa recusa à velhice, longe de ser apresentada como resistência válida, é narrada como um traço monstruoso, o que revela uma condenação simbólica da mulher que não se submete à ordem natural do ciclo de vida. A mensagem implícita é clara: a mulher deve envelhecer em silêncio, sem tentar manter o poder que a juventude lhe conferia.

Gothel se posiciona como uma figura de autoridade totalizante que exerce manipulação psicológica sobre Rapunzel, característica essa que se assemelha ao fenômeno conhecido como *gaslighting*. Essa forma de abuso psicológico consiste em distorcer a realidade e fazer com que a vítima duvide de suas próprias percepções, memórias e sanidade, levando-a a depender emocionalmente do agressor e questionar sua própria realidade (Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo, 2023). No filme *Enrolados*, Gothel utiliza essas estratégias ao convencer Rapunzel de que o mundo exterior é perigoso, mantendo-a isolada na torre sob o pretexto de proteção, o que evidencia o controle autoritário e manipulação presentes na relação entre as personagens.

Do ponto de vista estrutural, Gothel cumpre a função de “antagonista” proposta por Vladimir Propp (1984), mas sua complexidade vai além da simples oposição direta ao herói. Ela incorpora múltiplas dimensões do arquétipo sombra, representando um tipo de feminino que ameaça o equilíbrio narrativo: aquele que deseja, age por conta própria e se apropria da autoridade sem mediação masculina. Esse desvio do ideal de docilidade feminina não só a transforma em vilã dentro da estrutura do conto, mas também problematiza a representação do feminino na narrativa. Como apontam Luciana Borges et al. (2016), os contos de fadas e suas adaptações contemporâneas constroem uma pedagogia do feminino na qual personagens como Gothel são punidas não apenas por suas ações, mas por encarnarem formas de subjetividade feminina que desafiam normas sociais e expectativas históricas.

Além disso, o destino da personagem também carrega valor simbólico. Ao perder o cabelo de Rapunzel, Gothel envelhece rapidamente e morre, transformando-se em poeira antes de tocar o chão. Sua destruição completa simboliza a derrota do poder feminino desviante, marcado pela vaidade e pelo egoísmo. Essa conclusão reafirma a lógica de punição moral comum nas narrativas tradicionais: a mulher que não aceita seu papel, que desafia a juventude natural, que manipula ou controla, deve desaparecer. A vilã, nesse sentido, cumpre um papel disciplinador na construção simbólica do feminino, servindo de advertência às espectadoras sobre os limites do poder permitido às mulheres.

Portanto, Mãe Gothel, enquanto personagem, sintetiza um conjunto de representações que articulam beleza, poder, controle e envelhecimento como traços de uma vilania específica ao feminino. A construção narrativa de Gothel serve

simultaneamente à manutenção dos estereótipos de gênero e à reprodução de ideologias que valorizam a juventude e condenam a autonomia feminina desvinculada dos papéis tradicionais. Essa dupla função revela como as narrativas de contos de fadas, mesmo em suas versões modernas, continuam a reforçar valores culturais profundamente enraizados, ao mesmo tempo em que são estruturadas segundo modelos narrativos universais. Para entender essa dinâmica, é fundamental recorrer à teoria da narrativa clássica, que explica a importância do antagonista como motor do conflito e da transformação na história.

Autores como Aristóteles, em sua obra *Poética* (1996), destacam a centralidade da trama e do conflito na estrutura do drama, enfatizando que o antagonista é essencial para desafiar o protagonista e movimentar a narrativa. Joseph Campbell, em *O Herói de Mil Faces* (1949), desenvolve a ideia do monomito, no qual o herói enfrenta uma série de provas e adversários, incluindo figuras que simbolizam a sombra e o desafio ao status quo. Christopher Vogler, com *A Jornada do Escritor* (1992), adapta o monomito para a escrita de roteiros na atualidade, ressaltando o papel da “sombra” e do antagonista na jornada do herói. Por fim, Vladimir Propp, em *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984), oferece uma análise detalhada das funções narrativas presentes nos contos de fadas, identificando o antagonista como figura fundamental que impede o progresso do herói, obrigando-o a superar desafios.

Assim, Gothel representa ao mesmo tempo a reprodução de ideais de gênero: a valorização da juventude e a condenação da autonomia feminina desvinculada dos papéis tradicionais e a função estrutural essencial do antagonista dentro do arco narrativo clássico, conforme evidenciado por esses teóricos da narrativa.

A dinâmica entre Rapunzel e Mãe Gothel em *Enrolados* (2010) é atravessada por uma relação de poder profundamente simbólica, que espelha e reforça discursos tradicionais sobre o papel da mulher na sociedade. O vínculo entre ambas não se estabelece apenas no nível da narrativa: como sequestradora e cativa, antagonista e protagonista, mas também como metáfora para o conflito geracional e estrutural entre diferentes modelos de feminilidade: a jovem idealizada, ainda moldável e “inocente”, e a mulher madura, autônoma, que desafia normas e paga por isso com a estigmatização.

Essa relação se sustenta na hierarquia afetiva construída por Gothel, que se apresenta como mãe, mas age como controladora. Sua estratégia de poder baseia-se na manipulação emocional: ela oferece carinho e cuidado como forma de prender Rapunzel à torre e impedir sua autonomia. As figuras maternas antagonistas nos contos de fadas frequentemente simbolizam obstáculos à autonomia feminina e à experiência independente. No caso de Gothel, essa função se manifesta de forma explícita: ao assumir o controle sobre Rapunzel, a vilã encarna o papel da mulher mais velha que impede a emancipação da protagonista, especialmente quando esta busca existir fora dos moldes tradicionalmente aceitos de docilidade e submissão (Buarque de Hollanda, 2019; Rocha, 2016). Dessa forma, a narrativa evidencia como certos estereótipos de gênero são perpetuados por meio de personagens que simbolizam barreiras sociais e afetivas à liberdade feminina.

O controle de Gothel sobre Rapunzel não é apenas físico, mas discursivo. A vilã questiona constantemente a inteligência, a força e o julgamento da protagonista, convencendo-a de que o mundo externo é ameaçador e que sua segurança só é garantida dentro da torre. Essa forma de domínio psicológico é reflexo de práticas sociais mais amplas que, como discutem Luciana Borges et al. (2016), ensinam às mulheres desde cedo que sua liberdade é perigosa e que seus desejos devem ser mediados por figuras de autoridade, muitas vezes femininas, que internalizam o discurso patriarcal.

Rapunzel, por sua vez, representa uma forma de resistência nascente. Ainda que inexperiente e insegura, ela expressa, desde o início, o desejo de conhecer o mundo e de tomar decisões próprias. Sua trajetória na narrativa é marcada por um movimento de autoconhecimento que, aos poucos, permite que ela rompa com a dependência emocional imposta por Gothel. No entanto, essa ruptura não se dá sem dor ou hesitação. Rapunzel experimenta sentimentos ambíguos de culpa, medo e amor por sua captora, o que revela a profundidade simbólica desse laço, semelhante ao que ocorre na realidade com mulheres que vivenciam relações abusivas. Como observa Buarque de Hollanda (2019), o processo de emancipação feminina frequentemente exige a desconstrução de vínculos afetivos que naturalizam a submissão e o controle.

A libertação de Rapunzel ocorre no contexto de uma rede de apoios, na qual o personagem masculino Flynn Rider desempenha um papel decisivo. Embora a protagonista demonstre autonomia e iniciativa ao longo da narrativa, é a ação de

Flynn ao cortar o cabelo de Rapunzel que simbolicamente rompe o poder de Gothel, encerrando o ciclo de dominação. Essa dinâmica evidencia um limite estrutural das narrativas audiovisuais voltadas ao público infantil: mesmo ao apresentar personagens femininas mais ativas, o desfecho muitas vezes depende da intervenção ou validação de um herói masculino. Como observa Larissa Rocha (2016), essa lógica narrativa reforça a ideia de que a plena realização da mulher está condicionada ao reconhecimento externo, sobretudo masculino, perpetuando estereótipos de gênero presentes na cultura popular.

O embate entre Gothel e Rapunzel, portanto, não é apenas um confronto entre bem e mal, mas entre modelos de subjetividade feminina que disputam espaço e legitimidade. Gothel representa a mulher que se nega a ceder ao apagamento social imposto pela velhice, mas que, ao fazê-lo de forma egoísta e manipuladora, é punida. Rapunzel, por outro lado, simboliza a promessa de um novo feminino: gentil, mas questionador; sonhador, mas ativo. Ainda assim, ambas operam dentro de um sistema simbólico que limita as possibilidades de representação do feminino, reduzindo-o à juventude versus decadência, beleza natural versus vaidade, obediência versus transgressão.

Essas relações revelam o funcionamento dos estereótipos femininos como dispositivos de poder. Como afirma Walter Benjamin (2013), às imagens, ao serem repetidas e reproduzidas em massa, adquirem o status de verdades culturais. Assim, os papéis atribuídos às personagens de Enrolados não são apenas narrativos: eles educam, disciplinam e moldam o imaginário social sobre o que se espera de uma mulher, seja ela jovem ou velha, bela ou poderosa, dócil ou rebelde.

Por fim, a tensão entre Rapunzel e Gothel ilustra como a cultura popular continua a oferecer narrativas que mantêm, ainda que suavizadas, modelos simbólicos tradicionais de gênero. A disputa por autonomia, beleza e poder entre as personagens femininas reforça a ideia de que a mulher precisa escolher entre agradar ou dominar, sem espaço para articulações mais complexas e plurais da identidade feminina. A análise dessa relação é fundamental para compreender como os contos de fadas, mesmo quando atualizados, ainda operam como mapas simbólicos que orientam comportamentos e reforçam expectativas sobre o papel das mulheres na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação conduzida ao longo deste trabalho permitiu compreender que as narrativas, sejam elas oriundas da tradição oral, da literatura clássica ou das mídias audiovisuais contemporâneas, exercem papel central na construção e manutenção de representações do feminino na cultura ocidental. Ao analisar os contos de fadas, seus desdobramentos na atualidade e a reconfiguração dessas estruturas narrativas em *Enrolados* (2010), observou-se que o ideal feminino permanece ancorado em padrões simbólicos historicamente estabelecidos, ainda que adaptado ao contexto sociocultural contemporâneo.

O estudo dos contos tradicionais evidenciou como essas narrativas operam como dispositivos culturais que naturalizam modelos de comportamento, valores morais e expectativas sociais direcionadas às mulheres. A recorrência da dicotomia entre a jovem bela, dócil e virtuosa e a figura da mulher madura marcada pela ambição e pela ameaça revela uma lógica classificatória que se reproduz ao longo dos séculos. A beleza, nesses textos, não é apenas atributo físico, mas marcador simbólico que estabelece lugares sociais, legitima protagonismos e define moralidades. Desse modo, o corpo feminino torna-se superfície de inscrição de discursos culturais que associam juventude à pureza e maturidade ao perigo, contribuindo para a fixação de estereótipos que atravessam diferentes épocas e mídias.

No contexto audiovisual atual, tais estruturas não desaparecem; ao contrário, elas são continuamente reelaboradas. A análise do ideal de beleza e da vilania demonstrou que produções como *Enrolados* buscam atualizar as personagens femininas, dotando-as de maior autonomia, agência e complexidade psicológica. No entanto, tais transformações coexistem com elementos tradicionais que reforçam, ainda que de forma mais sutil, padrões normativos de aparência, comportamento e moralidade. Rapunzel, por exemplo, é construída como protagonista ativa, curiosa e sensível, mas sua legitimidade heroica ainda é atravessada por valores estéticos associados à feminilidade idealizada. Já Mãe Gothel, ao assumir simultaneamente a função de antagonista e guardiã manipuladora, retoma arquétipos clássicos da vilã: a mulher que desafia o envelhecimento, que utiliza sua inteligência de maneira calculada e que rompe com expectativas sociais relacionadas ao cuidado maternal.

A utilização dos arquétipos da Jornada do Herói, conforme sistematizados por Joseph Campbell, permitiu examinar a estrutura profunda que organiza essas narrativas. A presença do herói, do mensageiro, do guardião do limiar, do mentor e do chefe final não apenas estrutura a progressão dramática, como também distribui funções simbólicas entre os personagens. Em *Enrolados*, Rapunzel emerge como heroína cuja jornada representa amadurecimento, autonomia e autoconhecimento; Flynn Ryder atua como mensageiro e aliado que possibilita sua transição para o mundo exterior; fatores como o medo imposto por Gothel e os limites físicos da torre figuram como guardiões do limiar; e a própria Gothel, em sua duplicidade afetiva e opressiva, constitui o chefe final, o obstáculo último que a heroína deve enfrentar para se apropriar de sua identidade. Esses elementos demonstram que, mesmo nas narrativas contemporâneas, os arquétipos funcionam como estruturas organizadoras que moldam a compreensão coletiva sobre papéis sociais e relações de poder.

A análise detalhada da obra evidencia que a atualização estética de personagens femininas nas produções da cultura midiática não resulta, necessariamente, em ruptura com padrões simbólicos tradicionais. O que ocorre, muitas vezes, é a reformulação dessas estruturas, com a incorporação de discursos modernizados sobre liberdade, escolha e autodeterminação, sem que haja completa desconstrução dos modelos clássicos. Assim, a narrativa de *Enrolados* articula elementos da tradição e da modernidade, evidenciando tanto os avanços na representação feminina quanto as permanências simbólicas que continuam a estruturar a figura da heroína e da vilã.

Portanto, este trabalho demonstra que as representações do feminino nas narrativas, especialmente quando ligadas ao binômio “beleza e vilania”, constituem espaços de disputa simbólica, nos quais concepções históricas, culturais e estéticas são constantemente reelaboradas. A análise crítica dessas imagens, sobretudo em obras amplamente consumidas e difundidas como as animações contemporâneas, revela como padrões de gênero são sustentados e desafiados ao mesmo tempo. Desse modo, a pesquisa contribui para o debate sobre comunicação, cultura e gênero ao evidenciar que as narrativas não apenas refletem, mas participam ativamente da construção do imaginário social sobre a mulher, seja reafirmando, seja tensionando concepções hegemônicas sobre feminilidade, poder, beleza e envelhecimento.

Assim, compreende-se que o estudo das representações femininas em contos tradicionais e em suas adaptações modernas permanece um campo relevante para o entendimento das relações simbólicas que estruturam a sociedade. Reconhecer as permanências e transformações nesses modelos é fundamental para compreender os caminhos pelos quais a cultura atualiza seus discursos sobre o feminino e para refletir de maneira crítica sobre como tais narrativas moldam percepções, comportamentos e expectativas sociais no presente.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Martin. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.
- BENJAMIN, Walter, et al. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre, L & Pm, 2013.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix, 1949.
- COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2011.
- ECO, Umberto. História Da Beleza. 1932. Editora Recordd, 2004.
- ENROLADOS. Direção: Nathan Greno; Byron Howard. Produção: Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2010. 1 filme (100 min), son., color.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- HOLLANDA, Heloisa. Pensamento Feminista : Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro Rj, Bazar do Tempo, 2019.
- MCQUAIL, Denis. Teorias Da Comunicação de Massa - 6ed. Penso Editora, 2012.
- PROPP, Vladimir. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- MENDES, André Melo. Metodologia para análise de imagens fixas. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- ROCHA, Larissa. Má! Maravilhosa! Lindas, Louras e Poderosas, O Embelezamento da Vilania na Telenovela Brasileira. 2016.
- RODRIGUES, Ana Paula. A construção da vilania feminina no cinema hollywoodiano. São Paulo: Editora XYZ, 2015.
- WARNER, Marina. Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- XAVIER, Ismail. O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- ZIPES, Jack. *Fairy tales and the art of subversion*. New York: Routledge, 2006.